



Universidade de Brasília (UnB)  
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)  
Curso de Graduação em Biblioteconomia

## **Origem e Evolução das Bibliotecas no Ocidente ao Longo do Tempo**

José Henrique Adriano dos Santos  
Matrícula: 10/0108041

1/2014



Universidade de Brasília  
Faculdade de Ciência da Informação

## **Origem e Evolução das Bibliotecas no Ocidente ao Longo do Tempo**

José Henrique Adriano dos Santos

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília

Orientadora: Prof. Dr. Dulce Maria Baptista.

Brasília  
2014



**Título: Origem e evolução das bibliotecas no ocidente ao longo do tempo.**

**Aluno: José Henrique Adriano dos Santos**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 02 de julho de 2014.

**Dulce Maria Baptista** - Orientadora  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da Informação

**Murilo Bastos da Cunha** – Membro  
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutor em Ciência da Informação

**Greyciane Souza Lins** – Membro externo  
Doutora em Ciência da Informação

S237o

Santos, José Henrique Adriano,  
Origem e Evolução das Bibliotecas ao Longo do tempo /José  
Henrique Adriano dos Santos. - Brasília, 2014. – 67 f.: Il.

Monografia (Curso de Graduação em Biblioteconomia) –  
Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação,  
2014.

Orientador: Dulce Maria Baptista.

1. Etimologia. 2. História das Bibliotecas. 3. Bibliotecas  
Antigas. 4. Bibliotecas na Idade Média. 5. Biblioteca Moderna.  
I. Título.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, aos meus pais que sempre me apoiaram em todos os momentos, aos meus irmãos e amigos e aos meus mestres que fizeram parte da minha formação acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, Meishu – Sama e meu Espírito Guardião, por ter me dado saúde e força de vontade ao longo da minha formação educacional.

Agradeço aos meus pais, Maria e Valdeci, pelo apoio, carinho, amor e incentivo por todo a minha caminhada. Aos meus irmãos e amigos por todo o apoio e momentos de alegria.

Agradeço a professora Dulce pela oportunidade e apoio na orientação e elaboração deste trabalho. E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

**"SE O HOMEM DESEJA CRESCENTE PROSPERIDADE, DEVE  
SOMAR ESFORÇOS PARA APROFUNDAR SUA  
INTELIGÊNCIA" MEISHU-SAMA**

## RESUMO

Este trabalho apresenta a origem e evolução histórica das bibliotecas através do tempo. Analisa as bibliotecas em diferentes períodos históricos, suas características, peculiaridades e contribuições para o desenvolvimento da humanidade. Enfatiza o período antigo destacando as seguintes bibliotecas: Nínive, Pérgamo, Alexandria, Gregas e Romanas, os principais suportes utilizado por estas bibliotecas, como também a forma e maneira de como eram organizadas e a sua importância para o desenvolvimento de civilizações antigas. Na Idade Média temos a transição de poder das bibliotecas, que durante todo esse período ficou sob o domínio e censura da Igreja Católica. A invenção dos tipos móveis de Gutenberg que trouxe a produção em série de livros e de informações para a época de transição entre os séculos XV e XVI, e as influências do movimento renascentista. No século XX e XXI, as transformações e mudanças que as bibliotecas sofreram com a Revolução Industrial e as novas tecnologias introduzidas no seu ambiente. A partir da evolução das bibliotecas a humanidade também recebeu várias contribuições, principalmente em relação à disseminação, acesso e recuperação da informação.

**Palavras-Chave:** Biblioteca. História. Cultura.



## **ABSTRACT**

This paper presents the origin and historical evolution of libraries throughout time. It analyses libraries in different historical periods, their characteristics, peculiarities and contributions to the development of humanity. It emphasizes the ancient period highlighting the following libraries: Ashurbanipal, Pergamum, Alexandria, Greek and Roman, the main support utilized by these libraries, as well as how they were organized and their importance to the ancient civilization's development. In the Middle Ages, there was a transition in the power of libraries, which during the whole period was under the dominance and censorship of the Catholic Church. Gutenberg's invention of the movable types brought about the mass production of books and information for the transition from the 15th to the 16th century, the influence of the Renaissance movements. In the 20th and 21st centuries, the transformation and changes that the libraries went through with the Industrial Revolution and the new technologies introduced in their setting. Based on the evolution of libraries, mankind has also received many contributions, especially regarding the dissemination, access and retrieval of information.

Keywords: Library. History. Culture.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: ESCRITA CUNEIFORME .....	21
FIGURA 2: ÉPICO DE GILGAMESH .....	23
FIGURA 3: RUÍNAS DA BIBLIOTECA DE NÍNIVE .....	23
FIGURA 4: MAPA DA REGIÃO DE PÉRGAMO.....	26
FIGURA 5: SALA DE LEITURA DA BIBLIOTECA DE PÉRGAMO .....	27
FIGURA 6: PERGAMINHO .....	28
FIGURA 7: REPRESENTAÇÃO DA BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA .....	29
FIGURA 8: ORGANIZAÇÃO DA BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA.....	33
FIGURA 9: INCÊNDIO NA BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA (PORTO DE ALEXANDRIA) .....	34
FIGURA 10: BIBLIOTECA ALEXANDRINA (ATUAL).....	35
FIGURA 11: MOSTEIRO NA IDADE MÉDIA (ESTRUTURA) .....	40
FIGURA 12: CÓDICE .....	41
FIGURA 13: <i>SCRIPTORIUM</i> (LOCAL USADO PELOS MONGES PARA ESCREVER OS MANUSCRITOS).....	45

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	PROBLEMA.....	14
1.2	JUSTIFICATIVA.....	14
2.	OBJETIVO.....	15
2.1	OBJETIVO GERAL.....	15
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
3.	METODOLOGIA.....	16
4.	REVISÃO DE LITERATURA.....	17
4.1	ETIMOLOGIA DA PALAVRA BIBLIOTECA.....	17
4.2	AS BIBLIOTECAS NA ANTIGUIDADE.....	20
4.3	AS BIBLIOTECAS NA IDADE MÉDIA.....	37
4.4	BIBLIOTECA MODERNA: ADAPTAÇÕES TECNOLÓGICAS, ESPECIALIZAÇÃO E TIPOS DE BIBLIOTECAS.....	52
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
	REFERÊNCIAS.....	66

# 1 INTRODUÇÃO

Conhecer a origem das bibliotecas implica abordar a produção de conhecimento e dos registros, pois desde a sua origem na Antiguidade Clássica, a biblioteca é um espaço de preservação dos conhecimentos gerados pela humanidade a partir de diferentes sociedades.

O surgimento e desenvolvimento dos conhecimentos, seus produtos, assim como seu armazenamento, organização e divulgação, podem ser observados sob essas condições desde a Antiguidade Clássica de que se tem notícia na medida em que as bibliotecas eram construídas, por grandes conquistadores ou se localizavam em cidades que exerciam poder econômico e/ou político.

Há indícios e comprovações de grandes bibliotecas na Antiguidade. Dentre elas, cita-se a Biblioteca de Nipur, na Babilônia, descoberta em um templo, com registros em tábuas de argila e em escrita cuneiforme. Também a famosa Biblioteca de Assurbanipal, rei da Assíria que viveu no século VII a. C. A biblioteca situava-se em seu palácio na cidade de Nínive e contava com milhares de tábuas de argila com transcrições e textos sobre os mais variados assuntos, coletados sistematicamente pelo rei em outros templos do seu reino.

A mais famosa biblioteca da Antiguidade ficava em Alexandria, no Egito, e seu desaparecimento ocorreu devido a saques de conquistadores, fanáticos religiosos e desastres naturais.

Na Idade Média, as igrejas e mosteiros foram os grandes guardiões dos ricos acervos das antigas bibliotecas. Esse fato coincide com a riqueza e o poder da igreja, que naquele tempo, não só produzia como também legitimava os conhecimentos.

As bibliotecas do século XXI passaram a adotar um novo termo chamado “bibliotecas híbridas”, que consiste em espaços, serviços e coleções simultaneamente físicos e virtuais. Onde as novas tecnologias de informação e comunicação passaram a ser um grande aliado no processo de interação com os usuários do serviço das bibliotecas. Estas novas bibliotecas híbridas passaram a oferecer aos seus usuários um conjunto de informações, que as

inovações tecnológicas tornaram disponível e acessível, de maneira tratada e selecionada que possibilitou uma maior rapidez e agilidade no processo de busca, recuperação e acesso ao conhecimento que se tem produzido e armazenado ao longo do tempo.

## **1.1 Problema**

Esta pesquisa pretende conhecer como se deu a Origem e Evolução das Bibliotecas ao longo do Tempo, que se inicia com antigas bibliotecas de que se tem notícias e registros feitos pelo homem no decorrer da história, passando pelas bibliotecas da Idade Média (com os tipos móveis de Gutenberg), até chegar às bibliotecas que conhecemos hoje em dia, com os avanços tecnológicos resultantes do progresso, e que lhes proporcionaram novas formas de atender seus usuários.

## **1.2 Justificativa**

A escolha deste tema para a monografia foi pelo interesse no assunto depois de ter cursado a disciplina História dos Livros e das Bibliotecas durante a graduação, a qual despertou ainda mais o desejo em aprofundar os estudos no tema. Pois se trata de uma das instituições mais antigas que se tem notícias em registros históricos. E que até hoje desenvolve seu papel e função social diante a humanidade no que diz respeito à guarda, armazenamento, difusão e transmissão do conhecimento para seus usuários.

Portanto com este tema desejaria contribuir ainda mais na divulgação do assunto, pois se trata de um tema pouco aprofundado e explorado no âmbito do curso de Biblioteconomia e da FCI em geral.

## **2.OBJETIVO**

### **2.1 Objetivo Geral**

Descrever a Origem e Evolução das Bibliotecas através do tempo, o papel que teve durante a guarda dos primeiros registros históricos das civilizações, contemplando questões acerca da sua importância e desenvolvimento para a sociedade.

### **2.2 Objetivos Específicos**

1- Elaborar uma cronologia sobre a origem e evolução das bibliotecas no Ocidente, explorando a trajetória dessas instituições desde a antiguidade até os dias atuais.

2- Analisar a importância e contribuição social das bibliotecas diante o surgimento e desenvolvimento do homem no decorrer do tempo.

3- Abordar questões relativas às principais mudanças, transformações e adaptações que as bibliotecas sofreram em relação ao surgimento das novas tecnologias a partir da Revolução Industrial e seus posteriores desdobramentos, e o processo de especialização das bibliotecas para conseguir atender as novas demandas.

### **3. METODOLOGIA**

A pesquisa é de natureza histórico-descritiva. Apóia-se em revisão de literatura baseada em fontes como livros, artigos e sites relacionados ao assunto da evolução das bibliotecas. O desenvolvimento do trabalho foi realizado a partir de uma análise descritiva. Trata-se, portanto de pesquisa documental, que tem como método de coleta de dados a própria revisão de literatura, e contempla os seguintes tópicos: etimologia do termo biblioteca, bibliotecas na antiguidade, na Idade Média e Biblioteca moderna.

Sendo portanto, uma pesquisa histórica/o documental com o levantamento bibliográfico exploratório, constituindo assim uma literatura sobre a Origem e Evolução das Bibliotecas até século XXI. . A análise das informações levantadas se inclui na própria revisão de literatura, razão pela qual é possível apresentar a seguir as considerações finais desta pesquisa.



## 4. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura consiste em uma análise histórico documental a partir de notícias e registros históricos sobre o tema abordado nesta monografia. A revisão de literatura é desenvolvida nos seguintes tópicos: etimologia do termo o seu significado e definições de autores. As primeiras bibliotecas da antiguidade de que se tem notícias e registros históricos que de fato comprovem sua existência (Nínive, Pérgamo, Gregas, Romanas e Alexandria). As bibliotecas na Idade Média, entre elas as Monacais, Universitárias, Particulares e Bizantinas. Por último a biblioteca moderna: adaptações tecnológicas, especialização e tipos de biblioteca.

### 4.1 Etimologia da Palavra Biblioteca

A palavra “biblioteca” pode nos remeter a várias questões. Mas por um lado, o termo biblioteca consiste em qualquer tipo de coleção organizada, sejam livros ou publicações em série, ou então documentos gráficos, ou audiovisuais, que se encontram disponíveis para serem consultados ou levados por empréstimos por seus usuários.

Para compreendermos melhor o termo biblioteca, devemos primeiramente entender a origem da palavra.

Lemos nos explica que a “[...] origem da palavra vem de uma forma latinizada do vocábulo grego bibliotheca [...]”.

A palavra biblioteca, que tem sua origem na forma latinizada do vocábulo grego bibliotheca (de biblio, livro, e theke, estojo, compartimento, escaninho onde se guardavam os rolos de papiro ou

pergaminho, por extensão da estante e, finalmente, o lugar das estantes com livros, passou a ser forma dominante na língua portuguesa apenas no começo do século XIX. Antes, a palavra preferida era livraria, assim como, em inglês, library e biblioteca e não livraria. (LEMOS, 1998, p.348).

Com a citação de Lemos, percebe-se que seu conceito desde a sua origem na Antiguidade esteve associado à guarda e transmissão do conhecimento para a sociedade. Conhecimento este a que somente poucos tinham acesso na Antiguidade. Também desde a sua origem a função serviço, uso e pesquisa de informação, surge implícita no conceito da palavra.

Porém Mey (2004), explica que:

Cabe aqui um parêntese sobre a palavra “biblioteca”. De origem grega, através do latim, formada pelos termos “biblion” e “teca”, geralmente traduzidos como “livro” e “depósito” ou “lugar de guardar” – conduz a um princípio equivocado. A biblioteconomia, em consequência, seria a coleta, organização e disseminação de livros. Muitos se perguntam se a mudança de termos acarretaria mudança na imagem da profissão, não vinculando necessariamente a livros. No entanto, a palavra grega “biblion” não poderia referir se a livros, uma vez que eles eram inexistentes para os gregos antigos, havia apenas rolos de papiro. O papiro este sim, vinha da cidade Fenícia de Biblios (hoje Líbano), o que dominou o tipo de suporte grego. Portanto, qualquer ligação entre o suporte e a profissão não se dá através da etimologia, mas através da própria imagem que se dá a nossas bibliotecas. (MEY, 2004, p.3 - 4).

Portanto, a própria origem do termo biblioteca é duvidosa como também a própria definição de biblioteca é até certo ponto subjetiva, dificultando assim obter respostas concretas, precisas e consensuais sobre o conceito e origem do termo.

Para Milanesi (2002), a ideia mais primitiva da biblioteca é o resultado do desejo e da necessidade quase instintiva de poder utilizar várias vezes uma informação que possa ser significativa.

Conclui-se que a ideia de Milanesi sobre o conceito da palavra “biblioteca”, consiste num espaço aberto e acessível para todos que desejem

ter acesso ao conhecimento de maneira ilimitada e repetidas vezes, para que o usuário possa ter um melhor entendimento sobre aquilo que busca saber.

Já o dicionário *Aurélio* (2001), traz a definição clássica que todos nós aprendemos na escola, de que biblioteca significa coleção pública ou privada de livros e documentos congêneres, organizada para o estudo, leitura e consulta.

Contudo, tem se notado uma evolução gradual no conceito da palavra “biblioteca”, pois inicialmente esta era considerada como espaço de armazenamento de livros, um lugar onde eram guardadas as informações até então registradas pelo homem. Hoje em dia foi expandindo o conceito clássico, e adaptando-se a nova realidade vivenciada pela sociedade da informação, a biblioteca deixa de ser vista como apenas um local ou depósito de livros, para ser reconhecida como um espaço de interação e interdisciplinaridade com seus usuários reais e potenciais.

Portanto tem se notado uma mudança de paradigma no conceito de biblioteca atualmente, conforme as seguintes citações:

Descrever uma biblioteca menos preocupada com a coleção de livros e outros documentos, devidamente classificados e catalogados e mais atentos à orientação e fornecimento de informações aos usuários (FONSECA, 2007, p. 50).

A biblioteca é organismo vivo a serviço da comunidade, dela obtemos repostas às nossas mais diversas indagações. O lugar de destaque que ela ocupa no mundo atual decorre da importância que a informação tem para cada sociedade. Assim, a biblioteca participa do aprimoramento intelectual, humanístico, técnico e científico de todos os segmentos sociais (ARAÚJO, 2005).

Segundo Harrod (1977), “vem destacando a incorporação de outros meios de informação, que não o livro, no espaço e ambiente da biblioteca”. Percebemos com esta ênfase, um reflexo nas mudanças institucionais e organizacionais que a biblioteca vem apresentando, sobretudo a partir da segunda metade do século XX.

Entretanto pode-se afirmar que, desde o começo da civilização, a biblioteca sempre esteve presente na vida do homem, como parte integrante da

organização social, mesmo que durante certo período tenha vigorado o significado etimológico clássico de guarda dos livros, que resultou do princípio e função social de que a biblioteca foi criada para armazenar e preservar o conhecimento, com a finalidade de garantir o registro da evolução do homem no decorrer do tempo.

## **4.2 As Bibliotecas na Antiguidade**

As bibliotecas surgiram na Antiguidade a partir da necessidade do homem em reunir, conservar, organizar e armazenar conhecimentos de sua época, porém isto, só foi possível depois da descoberta e domínio do processo da escrita.

As bibliotecas não eram como as conhecemos hoje em dia. Elas passaram por um processo de evolução gradual ao longo do tempo. No início eram consideradas apenas como espaços de armazenamento de livros ou depósitos de livros, guardavam apenas as informações até então dominadas, acessíveis e registradas. No entanto podemos afirmar que as bibliotecas antecedem os livros, no sentido de que o conhecimento humano já se encontrava registrado em outros suportes anteriores ao livro.

Foram muitas as bibliotecas na Antiguidade, as quais podemos afirmar que eram bastante distintas entre si. As diferenças entre elas se refletiam no tipo de suporte utilizado, no domínio da técnica de produzir o suporte usado por determinadas civilizações antigas. Os primeiros suportes utilizados pelo homem para realizar a escrita eram de origem mineral, pois até aquele momento o homem não conhecia o papel e muito menos o domínio da técnica de produzi-lo. A escrita nesta época era feita em tábuas de argila, usando-se um tipo de escrita denominada “cuneiforme”.

Figura 1: Escrita Cuneiforme



Escritura cuneiforme

Fonte: <http://historiaecoisaetal.blogspot.com.br/2011/07/traducao-do-alfabeto-cuneiforme.html>

Já com o posterior uso do papiro, no Egito, os acervos das bibliotecas na Antiguidade eram organizados em nichos e arrumados em pilhas, onde havia etiquetas indicadoras dos títulos das obras.

Battles constata que:

A reunião das obras em grande número ajudava, na verdade, mais a destruição que a preservação, e a maior parte das que sobreviveram pertenciam a pequenas coleções particulares. Ainda hoje, é difícil determinar a quantidade de obras que se perderam em incêndios e catástrofes por estarem reunidos em grandes quantidades. (BATTLES, 2003, p. 37)

Dentre as bibliotecas da Antiguidade mais importantes podemos citar a de Nínive, Pérgamo, as Gregas, Romanas e a lendária Biblioteca de Alexandria no Egito, que foi a mais importante do mundo. Porém apesar da importância e grandiosidade destas bibliotecas, nenhuma delas conseguiu sobreviver com o passar do tempo, tendo restado apenas registros e vestígios históricos de que um dia tais bibliotecas existiram em determinadas regiões do Mundo Antigo.

## **Biblioteca de Nínive**

Fontes mais antigas referentes a uma coleção de registros da escrita, destinada à guarda do conhecimento que foram encontradas, referem - se à biblioteca de Assurbanipal, o último rei do império Assírio (685 a 627 A.C), que dominou a Mesopotâmia e grande parte do Mediterrâneo e o norte da África.

Assurbanipal, neto de Senaquerib e filho de Assur – Hadon (668 a 627 A.C) foi o último grande rei da Assíria. Foi um grande conquistador, que venceu os egípcios, sírios e susianos, guerreou com ferocidade, foi um excelente caçador de leões, como também um grande intelectual e protetor das letras. Em Nínive, restaurou o palácio de Senaquerib, onde centralizou a sua famosa biblioteca. Esta era composta por uma coleção de mais ou menos 25 mil placas de argila, com textos em escrita cuneiforme. Como constata Milanesi:

Os reis assírios tinham os seus arquivos, bem como os sumérios e babilônios. Nessa fase da história, esses povos usavam placas de argila para registrar o conhecimento, gravando nelas as inscrições cuneiformes - uma das primeiras formas de escrita. O conjunto dessas placas de argila pode ser entendido com uma biblioteca (MILANESI, 1983, p. 17).

A biblioteca do rei tinha mais ou menos 25 mil tábuas de argila, que continham documentos da administração do império e decretos reais, narrativas históricas, livros sobre mitos, profecias, astrologia, medicina, receitas, hinos e escritos literários. Conforme Battles “a literatura da Mesopotâmia remonta ao terceiro milênio antes de Cristo e vai da prece à poesia, do epistolário aos livros de registros contábeis” (BATTLES, 2003, p.31).

Entre os documentos encontrados em Nínive situavam-se cópias do épico de Gilgamesh, sendo um dos registros literários mais antigos do mundo, o do mito da criação. Em Gilgamesh aparece uma das primeiras referências a um dilúvio, que se acredita ser o mesmo dilúvio narrado na Bíblia.

Figura 2: Épico de Gilgamesh



Fonte: <http://www.mitografias.com.br/feed/>

Nínive, cujo nome significa “bela”, localizava-se na margem ocidental do rio Tigre e foi a capital da Assíria (atual Iraque). Atualmente, em consequência da guerra no Iraque e regiões próximas, Nínive encontra-se na lista dos sítios históricos mundiais mais ameaçados do mundo. Conforme Battles:

Por tudo o território da antiga Assíria, atual Iraque, encontramos os chamados “tells” – enormes colinas formadas pelos restos de cidades desaparecidas. É bem possível que haja bibliotecas mesopotâmicas sob muitas delas, é igualmente possível que bombas de precisão já tenham destruído algumas, de cuja existência jamais ficaremos sabendo (BATTLES,2003,p. 32).

Figura 3: Ruínas da Biblioteca de Nínive



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Arqueologia\\_b%C3%ADblica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arqueologia_b%C3%ADblica)

Para ter seus objetivos realizados, o rei assírio fazia o uso da força de guerra, na qual utilizava principalmente os escribas da Babilônia que dominavam as antigas escritas dos sumérios e acádios, para realizar o trabalho

de traduzir e interpretar os textos. Com isso, Nínive passou a sentir os efeitos da acumulação de conhecimento, resultando numa cultura baseada nos estudos da textualidade. Os escribas desenvolveram extensos léxicos comparativos e instrumentos de referência.

Ainda de acordo com Battles, “além de profecias, fórmulas de encantamento e hinos sagrados, encomendou-se também peças literárias escritas nas diversas línguas da Mesopotâmia- o assírio, o sumério, o acádio, o ugarítico e o aramaico, dentre outras” (BATTLES, 2003, p. 32).

Devemos lembrar que estas coleções tinham um caráter universal, porém com acesso restrito à nobreza e a alguns escribas. A consulta ao acervo era realizada para definição de assuntos, esclarecimentos, dúvidas, leitura de profecias entre outras finalidades.

Com o grande acúmulo de registros em Nínive, surgiu a necessidade de organizá-los, para torná-los acessíveis e de fácil manuseio e procura para realizar pesquisas. Conforme diz Battles:

Ao que parece, a biblioteca era altamente organizada. As placas componentes de uma mesma obra eram reunidas num único bloco, no qual se punha um rótulo identificador do conteúdo. Havia também um catálogo registrando os títulos das obras e o número de placas de que cada uma era composta. Outros arquivos e bibliotecas espalhados pela Mesopotâmia exibiam níveis igualmente elevados de organização. Havia repositórios em que as placas eram guardadas em cestas numeradas, com os títulos gravados nas bordas da argila para facilitar a identificação (BATTLES, 2003, p. 32 – 33).

Pode até parecer irônico a causa da destruição da maioria das bibliotecas da Antiguidade aos dias atuais, mas o elemento “fogo” pode ter contribuído para manter preservado, no caso da Biblioteca de Assurbanipal (Nínive), os seus livros, pois ao pegarem fogo as tábuas de argila, estas tornaram-se resistentes como tijolos. Além do fogo, o clima da região propiciou que a maioria das tábuas de argila fosse mantida quase intacta até a sua descoberta por volta do século XVII. Em decorrência de tal descoberta, hoje temos a mais importante fonte de informação sobre a existência de povos na região da Mesopotâmia.



Conforme Mello, “a mais original das Bibliotecas da Mesopotâmia, e de maior prestígio social e fama , foi a de Nínive, instalada no palácio de Assurbanipal, somente descoberta por Layard por volta de 1849” (MELLO, 1972, p. 213). Layard despachou para a Inglaterra em especial para o Museu Britânico, a maior parte da coleção de antiguidades assírias.

## **Biblioteca de Pérgamo**

A Biblioteca de Pérgamo foi uma das mais importantes bibliotecas da Antiguidade, competindo com a lendária Biblioteca de Alexandria. Igual às outras dinastias do período helenístico, os reis de Pérgamo foram grandes protetores da cultura e da arte. Foram grandes colecionadores de arte, principalmente pela sua função de bibliófilos, na qual rivalizaram com os Ptolomeus no Egito. O grande intuito dos reis, neste período era transformar Pérgamo em uma grande capital do conhecimento como era Atenas.

A Biblioteca de Pérgamo foi fundada pelo rei de Pérgamo, Átalo I Soter, e por seu filho Eumenes II, que a engrandeceu e fomentou, e a qual os historiadores chegam a afirmar que chegou a reunir cerca de 200 mil volumes. A biblioteca fazia parte de um projeto real de transformar Pérgamo em um grande centro crítico e literário de toda região da Ásia Menor. A cidade de Pérgamo localizava-se na Ásia Menor, onde hoje em dia se encontra a Turquia, conforme constata Oliveira:

A Biblioteca de Pérgamo – Os mapas dos nossos dias mostram – na como nome de Bérghama, pertencente à província de Izmir, na Turquia. Os geógrafos antigos indicavam – na pelo nome de Pérgamo, Cidade da Mísia, dominando o vale do Caíco, capital do Reino dos Atálidas (OLIVEIRA, 1985, p. 112).

Figura 4: Mapa da Região de Pérgamo



Fonte: [http://agora.ucv.cl/docs/528/HIS\\_ANT/gremapa/Reinod2.jpg](http://agora.ucv.cl/docs/528/HIS_ANT/gremapa/Reinod2.jpg)

Em Pérgamo foi estabelecida uma escola de estudos gramaticais, como tinha ocorrido em Alexandria, porém com uma diferença. Enquanto que Alexandria se especializou em edições de textos literários e na gramática, Pérgamo focou mais na filosofia, sobretudo a filosofia estoíca, em especial na lógica.

A Biblioteca de Pérgamo chegou a reunir um numeroso grupo de eruditos e literatos, que ficaram encarregados de realizar estudos linguísticos e literários, e que tinham como objetivo competir com sua rival, a Biblioteca de Alexandria.

Há uma crença de que nesta biblioteca foram guardados os manuscritos do filósofo Aristóteles, como um grande tesouro durante mais de um século, sem edições ou novas publicações. Como também diz a lenda, Marco Antônio deu a Cleópatra, como um presente de casamento, todos os 200 mil volumes de Pérgamo para o acervo da Biblioteca de Alexandria, o que esvaziou as prateleiras da Biblioteca de Pérgamo. Segundo narra Battles:

Havia uma lenda segundo a qual Marco Antônio teria oferecido a Cleópatra os livros de Pérgamo (a grande rival de Alexandria, localizada na atual província turca de Izmir) a título de compensação pela perda de sua biblioteca, mas Plutarco põe em dúvida a veracidade do episódio (BATTLES, 2003, p. 30).

Até hoje não existe nenhum indício da existência de um catálogo das obras que constavam na Biblioteca de Pérgamo, tornando assim impossível

conhecer a verdadeira dimensão e extensão de sua coleção. O que temos comprovado pela história, são relatos históricos que afirmam que esta biblioteca possuía uma sala de leitura principal, na qual havia muitas prateleiras. Havia espaços vazios entre a parede exterior e as prateleiras, cuja função era permitir a circulação de ar, e desta maneira evitava-se que a biblioteca ficasse úmida, em razão do clima quente da região, preservando assim os manuscritos. Dentro da sala de leitura principal encontrava-se uma estátua de Atena, a deusa grega da sabedoria. Conforme relata Oliveira:

Os arqueólogos identificaram, na construção, quatro salas de uso da livraria, das quais uma - a de leitura – contígua ao pórtico (detalhe que coincide com o que se sabe a propósito de outras bibliotecas da Antiguidade cujas salas de leitura tinham, sempre, comunicação com um pórtico vizinho). Além da estátua de Atena, que ornava a mais nobre daquelas dependências, os meticulosos exploradores identificaram, nas paredes, inscrições que deviam ficar sob socos de bustos dos autores mais festejados das letras helênicas - uso que a tradição recolheu, imitando ainda hoje pelas bibliotecas de todo o Mundo (OLIVEIRA, 1985, p.112 – 113).

Figura 5: Sala de Leitura da Biblioteca de Pérgamo



Fonte: <http://www.alquiblaweb.com/tag/bibliotecas/>

As obras da Biblioteca de Pérgamo eram escritas em rolos de pergaminho. A utilização do pergaminho como suporte da escrita, foi a causa da competição entre os dois grandes centros culturais da Antiguidade, Alexandria e Pérgamo, decorrente do embargo, feito pelos Ptolomeus na

exportação de papiro para a Cidade de Pérgamo. Sendo que o principal objetivo deste embargo era enfraquecer a expansão cultural de Pérgamo.

Em decorrência do embargo de papiro, os estudiosos de Pérgamo, desenvolveram outro tipo de suporte para realizar a escrita nos livros, na qual passaram a utilizar uma técnica muito antiga de preparar o couro de animais para esse uso. Este novo suporte, por ser muito resistente comprovou ser muito superior em qualidade em relação aos papiros dos egípcios, e o qual foi chamado pelos romanos de “pergaminho” em referência a cidade onde era fabricado.

Figura 6: Pergaminho



Fonte:

[http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/impresso/imp\\_basico/e1\\_assuntos\\_a1-5.html](http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/impresso/imp_basico/e1_assuntos_a1-5.html)

Não seria de estranhar que a existência de uma biblioteca do porte da de Pérgamo, em um reino rival, tenha resultado em disputas e competições entre as duas culturas (Alexandria e Pérgamo). Essa situação acabou gerando também o interesse de estudiosos, aproveitadores e invejosos de possuírem o acervo da Biblioteca de Pérgamo, o que se tornou também grande motivo de seu desaparecimento, principalmente depois que Marco Antônio doou grande parte do seu acervo a Cleópatra.

## Biblioteca de Alexandria

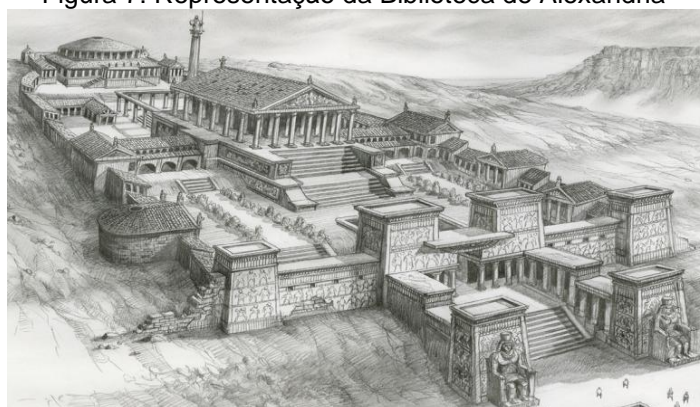
Dentre todas as tentativas possíveis que existiram de realizar o grande sonho de uma biblioteca universal, nenhuma conseguiu ser tão significativa quanto a Biblioteca de Alexandria, que existiu por aproximadamente 800 anos, do século IV A.C. até o século IV D.C., localizada na cidade que foi fundada por Alexandre o Grande.

A Biblioteca de Alexandria foi a representação de um dos maiores símbolos do conhecimento humano segundo consta nos registros históricos. A existência física desta biblioteca foi sendo destruída por guerras, incêndios e a própria ação do tempo. Porém o legado verdadeiro de sua existência continua nas práticas acadêmicas, na escrita, na literatura e na imaginação do povo.

A grande Biblioteca de Alexandria assumiu qualidades lendárias desde a sua criação até seu desaparecimento. O conceito de uma biblioteca universal seria o de uma instituição que contemplaria todas as obras de grandes intelectuais que existiram no mundo, conceito esse que encantou e continua encantando estudiosos por séculos. Conforme observa Chartier:

Desde Alexandria, o sonho da biblioteca universal excita as imaginações ocidentais. Confrontadas com a ambição de uma biblioteca onde estivessem todos os textos e todos os livros, as coleções reunidas por príncipes ou por particulares são apenas uma imagem mutilada e decepcionante da ordem do saber (CHARTIER, 1999, p. 117).

Figura 7: Representação da Biblioteca de Alexandria



Fonte: <http://vidaemperspectiva.blogspot.com.br/>

Com a morte de Alexandre O Grande, em 323 a.c, seu império foi dividido entre seus generais. O Egito coube ao general Ptolomeu, que governou por 16 anos. Com a morte dos herdeiros de Alexandre, Ptolomeu se auto-proclamou Ptolomeu I Sóter, estabelecendo assim a última dinastia do Egito.

O general Ptolomeu I Sóter, era um homem letrado, admirador do intelecto, um estudioso, autor de uma importante biografia de Alexandre. O projeto de tornar Alexandria um grande centro do saber e da cultura, no qual reuniram-se sábios e estudiosos de todas as partes, deveu-se a Ptolomeu I Sóter.

A construção do edifício da biblioteca, nas proximidades do palácio real, resultou da insistência de Demétrio de Falero, um talentoso filósofo que insistiu com Ptolomeu em transformar Alexandria em uma rival cultural de Atenas.

A Biblioteca de Alexandria não era formada por uma, mais sim por duas bibliotecas. A maior e principal foi erguida no século III A.C., no interior do Mouseion (Templo das Musas). A biblioteca menor foi criada um século depois, no interior do Templo de Serápis, deus egípcio helenizado e protetor da cidade de Alexandria. Segundo relata Martins:

A biblioteca de Alexandria era dividida em duas partes: quatrocentos mil volumes foram depositados num bairro da cidade chamado Bruchium; as novas aquisições, trezentos mil volumes, formaram uma biblioteca suplementar, num outro bairro, chamado Serápio (MARTINS, 1956, p. 77).

Muito se fala a respeito delas como se fossem uma só biblioteca, mas isso não corresponde à realidade. O objetivo em Alexandria era armazenar tudo, desde os grandes clássicos até as mais obscuras listas, glossários e comentários.

O desenvolvimento do acervo começou junto com a fundação da biblioteca, no entanto as obras foram sendo adquiridas de forma diversificada. Segundo Martins, “a Biblioteca de Alexandria ostentava a singularidade de possuir manuscritos únicos de grande número de obras da Antiguidade que com ela desapareceram” (Martins, 1956, p. 77). Ptolomeu II comprou todos os papiros e rolos que conseguiu adquirir e até mesmo bibliotecas inteiras.

Na Biblioteca de Alexandria a ética era posta em jogo, quando se tratava de manuscritos raros ou originais. Ptolomeu III, obcecado em aumentar o acervo da biblioteca, ordenou que qualquer livro ou manuscritos vindos do exterior ou encontrados nos navios, deveriam ser apreendidos e levados à biblioteca, onde eram copiados e devolvidos somente a cópia ao dono com um prêmio ou recompensa de 15 talentos. Segundo Battles, “os livros dos que visitavam a cidade eram confiscados, copiados para a biblioteca (quando os próprios originais não ficavam retidos) e adornados com uma etiqueta em que se lia “dos navios” (BATTLES, 2003, p.35)”. Conforme observa Martins:

Com efeito, os Ptolomeus favoreciam a cultura do papiro e mantinham um exército de copistas, empregados, às vezes, em tarefas inesperadas. Assim é que Ptolomeu III Evergeta tomou emprestados dos atenienses as obras de Ésquilo, de Sófocles e de Eurípides, devolvendo – lhes... as cópias que tinha mandado fazer os originais ficaram em Alexandria (MARTINS, 1956, p.77).

A prática de devolver as cópias e manter os originais, demonstra que na Antiguidade os manuscritos eram valorizados, e com isso é facilmente explicado o fato de cópias sucessivas de um mesmo texto, por exemplo, apresentarem considerável diferença em relação ao original.

Não se pode dizer que na Antiguidade havia direitos autorais, pois o conteúdo das obras intelectuais não tinha *status* de propriedade, nem dispunha de exclusividade para sua exploração, de forma que os autores não detinham, em relação a seus trabalhos, qualquer direito que pudessem de fato pleitear em juízo, mesmo em caso de sofrerem plágio. Embora o plagiador pudesse receber o repúdio por parte do público, não era sujeito a qualquer consequência legal por seu ato. Em outras palavras, via-se o plágio como uma violação à moral, mas não como violação a um direito; o fato era extrajurídico.

É importante considerar que, nesse longínquo período, para se reproduzir uma obra necessitava-se de uma quantidade descomunal de trabalho e recursos, uma vez que a tarefa era realizada manualmente. Na confecção de uma cópia dos textos, por exemplo, o escriba não poderia

cometer qualquer erro, sob pena de o manuscrito ser integralmente descartado e o trabalho reiniciado a partir do zero. Por esse motivo, as obras não tinham grande difusão social, sendo sua circulação bastante ínfima, estrita e individualizada.

Consta que foi nessa biblioteca que se realizou uma tradução histórica: do livro sagrado dos hebreus, que setenta sábios passaram para o grego e que recebeu, por isso, o nome de “versão dos setenta”. Historiadores qualificam essa tradução de “um dos maiores acontecimentos históricos, porque permitiu a propagação do judaísmo entre os gentios e o estabelecimento do cristianismo”.

Os três primeiros Ptolomeus foram responsáveis por 100 anos de grandes progressos e desenvolvimento da Biblioteca de Alexandria. Ao final do reinado do terceiro Ptolomeu, Alexandria se encontrava totalmente consolidada e estabelecida como uma grande potência cultural do Mundo Antigo, tornando-se assim a maior biblioteca da sua época.

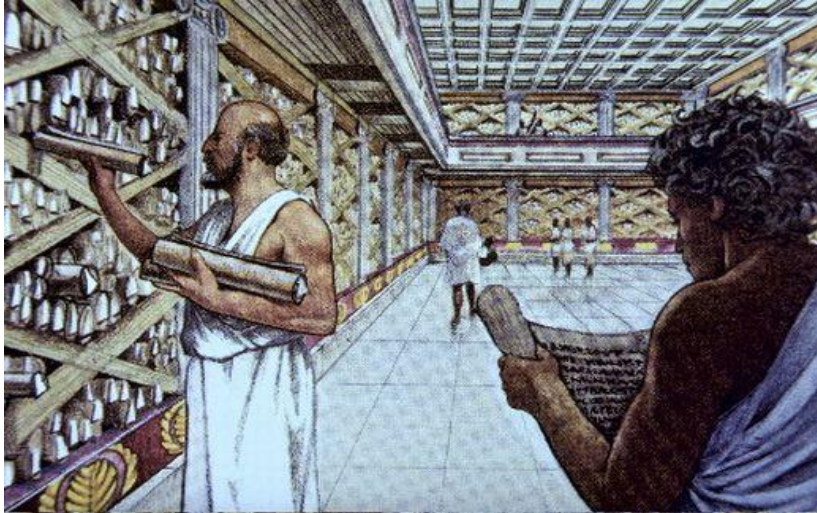
Segundo Battles, “a organização física da biblioteca era bem planejada para a época. As estantes no interior do edifício eram circundadas por colunatas abertas, expostas à brisa, formando corredores cobertos que os estudiosos podiam utilizar para estudo ou discussão” (BATTLES, 2003, p. 33).

Em relação à organização do acervo da biblioteca pode-se afirmar que era uma forma bem rudimentar de organizar os livros nas estantes, onde os assuntos eram dispostos de forma bem genérica. Para mexer nos manuscritos, tanto usuários como bibliotecários tinham um enorme trabalho em remover as pilhas de rolos, até se chegar ao rolo de papiro desejado. Segundo constata Battles:

Descrições da época, no entanto, nos permitem tirar algumas conclusões. Os rolos tinham etiquetas presas aos umbilicos com os nomes dos autores e com os títulos das obras. Isso era necessário, pois os rolos, ao contrário dos códices, não ficavam em pé nas estantes. Eram simplesmente dispostos em pilhas, sem muito cuidado. Para remover um rolo, um leitor ou funcionário da biblioteca teria que mexer todos os outros que estivessem na mesma pilha. Em razão disso, só deveria ser possível manter um ordenamento muito genérico dos manuscritos (BATTLES, 2003, p. 34).



Figura 8: Organização da Biblioteca de Alexandria



Fonte: <http://paradigmatrix.net/?p=9877>

Conforme Machado “O uso eficiente dos recursos bibliográficos de qualquer acervo depende essencialmente da organização de seu material. Afirmativa que se comprova desde que o homem começa a registrar o conhecimento por ele elaborado, preocupando-se simultaneamente com seu controle. Os primeiros catálogos e bibliografias são puramente listas inventariais e não instrumentos bibliográficos.” (MACHADO, 2003, p. 39).

Ser convidado para ocupar um cargo de bibliotecário chefe em Alexandria, era o mesmo que alcançar a glória pelos deuses. As funções do bibliotecário chefe transcendiam as funções habituais desenvolvidas no dia a dia. Pois o bibliotecário chefe era também considerado um humanista e filólogo, ao qual era atribuída a tarefa de reorganizar as obras dos autores. Além da tarefa de organizar a biblioteca, eram encarregados também de orientar os príncipes nas leituras e gostos.

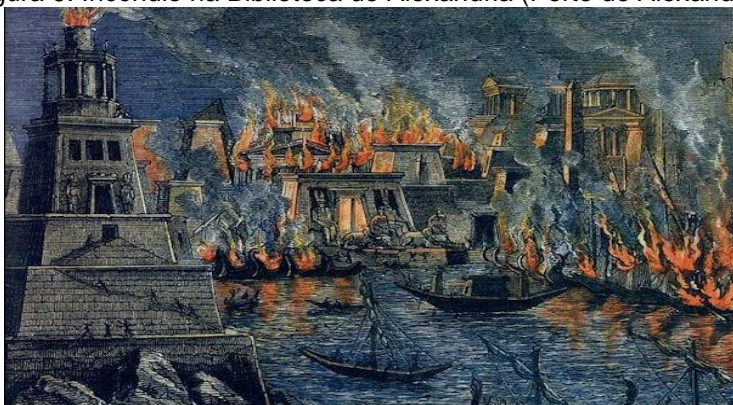
Os bibliotecários mais importantes da Biblioteca de Alexandria foram os seguintes: Zenótodo de Éfeso, Apolônio de Rodes, Eratóstenes de Cirene, Apolônio Eidógrafo, Aristarco de Samotrácia, Aristófanes de Bizâncio e o mais importante e sábio de todos, Calímaco de Cirene.

Vários incêndios e destruições fazem parte da lendária Biblioteca de Alexandria, na certeza de que o frágil papiro não ardeu somente uma única vez, mais várias vezes. O primeiro incêndio aconteceu quando Júlio César ateou fogo aos navios ancorados no porto de Alexandria, para impedir que seu inimigo dominasse a cidade pelo mar. Segundo Battles, “este incêndio destruiu

aproximadamente 40 mil livros de uma vez só. Muitos afirmam que o fogo teria atingido apenas os livros estocados num armazém, onde ficavam antes de serem levados as estantes” (BATTLES, 2003, p. 30). A Biblioteca de Alexandria foi destruída ainda pelo fogo em mais algumas situações, conforme relata Oliveira:

Há notícia de um incêndio ocorrido em 272, ao tempo do Imperador Aureliano, e do assalto, em 391, seguido de um novo incêndio ateadado pelos monges selvagens Tebaida, dirigidos pelo bispo Teófilo de Antioquia (santo), sob inspiração de edito de Teodósio, contra o paganismo e mais a destruição do Serapeum – que se tornará um dos principais focos de resistência do helenismo às ideias pregadas pelos primeiros cristãos (OLIVEIRA, 2003, p. 112).

Figura 9: Incêndio na Biblioteca de Alexandria (Porto de Alexandria)



Fonte: <http://caosnosistema.com/biblioteca-de-alexandria/>

O golpe final na biblioteca ocorreu quando o imperador Teodósio II ordenou que os livros fossem transferidos para Constantinopla.

Conclui-se com isso que vários fatores levaram ao fim da lendária Biblioteca de Alexandria. Não podemos culpar somente uma única pessoa pelo ocorrido em Alexandria, mas sim um conjunto de acontecimentos causados, que aos poucos levou à destruição da biblioteca. Para os cristãos os tesouros helênicos da biblioteca eram considerados uma herança pagã que os incomodava e que precisava e deveria ser banida.

No ano de 2002, foi inaugurada na cidade do Cairo uma monumental e moderna biblioteca denominada Biblioteca de Alexandria. A atual biblioteca pretende ser um dos centros de conhecimento mais importantes do mundo. A estrutura da atual biblioteca, que tem o nome oficial de Bibliotheca Alexandrina,

conta com quatro bibliotecas especializadas, laboratórios, um planetário, dois museus (de ciência e caligrafia) e uma sala para congressos e exposições.

Figura 10: Biblioteca Alexandrina (atual)



Fonte: <http://twittandoegito.blogspot.com.br/2012/06/imagens-da-biblioteca-de-alexandria.html>

## Bibliotecas Gregas

A primeira biblioteca estabelecida na Grécia foi fundada por Pisístrato (571 – 561 a.C), a qual tinha o caráter de biblioteca pública e chegou a reunir várias obras, dentre elas as obras de Homero e outros rapsodos. Segundo Martins, “dizem que o tirano Pisístrato, tendo reunido um grande número de escritos literários e científicos fundou em Atenas a primeira biblioteca pública” (MARTINS, 1956, p. 79).

Historiadores, no entanto, mantêm um grande silêncio em relação às bibliotecas gregas, devido ao fato de que elas estariam concentradas nas mãos de particulares, e com isso temos poucos relatos sobre elas, principalmente sobre suas características e aspectos, segundo observa Martins:

O caráter, sobretudo oral da literatura grega – peripatética e teatral por excelência, literatura de ginásio, mais para ser ouvida da boca dos próprios autores, sob o azul do céu e o ouro do sol, do que para ser lida em gabinetes fechados e frios, literatura do diálogo e não do monólogo, da discussão e não da meditação, que amava mais o entrelaço das ideias do que o virtuosismo da ideia, literatura de poetas olímpicos, cantores de estádio, e de oradores políticos,

mestres da Ágora – poderá, talvez, explicar essa inexistência de bibliotecas que, a primeira vista, nos parece absurda (MARTINS, 1956, p. 79).

Além desse aspecto da oralidade na cultura grega, há relatos de que livros das bibliotecas gregas foram transferidos para outras bibliotecas. Dentre as bibliotecas gregas particulares, dignas de prestígio e respeito e que merecem destaque, situam-se as de Eurípedes, Aristóteles e Teofrasto.

## **Bibliotecas em Roma**

A criação de biblioteca em Roma representou um verdadeiro avanço no que diz respeito à representação física e crítica das denominadas “casas do saber”. As bibliotecas em Roma eram de dois tipos: bibliotecas particulares e públicas. Foram criadas com o intuito de aumentar o próprio prestígio social, estabelecendo bibliotecas que contrabalançassem a de Alexandria. Como já foi dito as bibliotecas eram de dois tipos, as particulares formadas por acervos provenientes de saques de guerra, do trabalho de escravos cultos ou de escribas gregos. Na casa dos mais abastados era comum a existência de bibliotecas particulares. A biblioteca pública veio da ideia de Júlio César, um homem que gostava de escrever suas conquistas, e que desejava ter leitores para apreciá-las.

As mais célebres dentre as bibliotecas Romanas, foram as de Ulpiano, fundada por Trajano, e a Palatina as quais eram as duas mais importantes bibliotecas de Roma. Segundo Martins, “essas bibliotecas já tinham organizado e posto em funcionamento o serviço de empréstimo” (MARTINS, 1956, p. 80).

Com os sucessivos incêndios, ataques e o caos político que se estabeleceu em Roma, as bibliotecas também sofreram, culminando em sua destruição. Segundo Battles, “não existe biblioteca que não acabe desaparecendo, deixando atrás de si um quebra cabeça que as futuras gerações tentarão remontar” (BATTLES, 2003, p. 58 – 59).

### 4.3 As Bibliotecas na Idade Média

A Idade Média começou na Europa com as conhecidas invasões germânicas (bárbaras), no século V, sobre o Império Romano do Ocidente. Este período estende-se até o século XV, com o retorno das atividades comerciais e o renascimento urbano. A Idade Média foi um período histórico caracterizado pela economia rural, enfraquecimento comercial, supremacia da Igreja Católica, pelo sistema de produção feudal e pela sociedade hierarquizada.

Durante toda a Idade Média, parte da Europa Ocidental esteve sob o domínio e poder cultural da Igreja Católica. Em decorrência disto, as bibliotecas ficaram restritas aos mosteiros, e em consequência, do domínio da igreja. Neste período as bibliotecas conseguiram ser preservadas nos mosteiros, sendo deste modo salvas mais uma vez do perigo da destruição. Nesta época, a maioria da população não tinha o domínio da leitura e da escrita, conforme constata Schmidt:

Os monges e padres é quem cuidavam das escolas. Durante séculos, quase todos os livros que existiam pertenciam à igreja, os mais destacados eram escritos por monges católicos. Os maiores intelectuais faziam parte do clero, ou seja, toda a vida cultural girava em torno dos temas religiosos. (SCHMIDT, 2002, p. 120).

Desde as primeiras bibliotecas da Antiguidade até o período da Renascença, os guardiões dos livros não tinham uma existência social em comparação com bibliotecários que conhecemos hoje em dia, eram na sua maioria representantes da elite que viviam reclusos em suas bibliotecas e constantemente preocupados em salvar, guardar e realizar cópias das obras do acervo. Segundo afirma Ortega:

As bibliotecas da Antiguidade e da Idade Média não tinham como objetivo dar acesso ao grande público, pelo contrário, eram símbolos de poder e acúmulo de conhecimento para os poucos que tinham o privilégio de consultá-los. Tanto que nas invasões e guerras, as bibliotecas não eram poupadas da destruição do inimigo, dada a importância simbólica que exibiam. Dizimar os símbolos do saber

acumulado de um povo era também dizimá-lo da história. (ORTEGA, 2004, p. 13).

Segundo Martins “pode-se dizer que a Idade Média conheceu três espécies diferentes de bibliotecas, se as considerarmos pelo que chamaríamos hoje a “entidade mantenedora”: as bibliotecas monacais (e entre elas incluiremos, não só por afinidade como por suas origens históricas, a Vaticana), as bibliotecas das universidades, as bizantinas e as bibliotecas particulares (mesmo as que eram constituídas pelos reis e grandes senhores pertenciam-lhes a título, por assim dizer, privado ou pessoal; só mais tarde é que, por sua força de uma evolução natural, elas se transformaram em bibliotecas “oficiais” e públicas)” (MARTINS, 1956, p. 83).

As bibliotecas medievais pelo menos no começo eram tidas apenas como um prolongamento das bibliotecas da Antiguidade, pois seus usuários eram específicos e seu acervo era fechado e restrito ao público em geral. A biblioteca neste período era definida como uma guardiã dos livros e não sendo considerada como uma disseminadora da informação e do conhecimento, como é hoje em dia.

Conclui-se então que tanto na Antiguidade quanto na Idade Média, as bibliotecas exerciam apenas a função de guarda, e de privação de acesso ao conhecimento para o povo, como também o índice de analfabetismo era muito alto para época.

## **As Bibliotecas Monásticas**

Durante todo o período da Idade Média, grande parte do conhecimento esteve sob o domínio, guarda e censura da Igreja Católica. Neste período histórico, as bibliotecas eram consideradas como locais sagrados, sendo muitas vezes veneradas e cercadas de mistérios. Segundo Martins “o pensamento predominante na Idade Média era favorável à existência e à manutenção das bibliotecas monásticas, tanto mais que a própria impiedade conhecida de muitos clérigos “literatos” contribuía para salvar, através de cópias sucessivas, muitas obras antigas que outros, mais zelosos, preferiam

lançar à fogueira” (MARTINS, 1956, p. 84). Certo monge definiu o que seria uma biblioteca de um mosteiro:

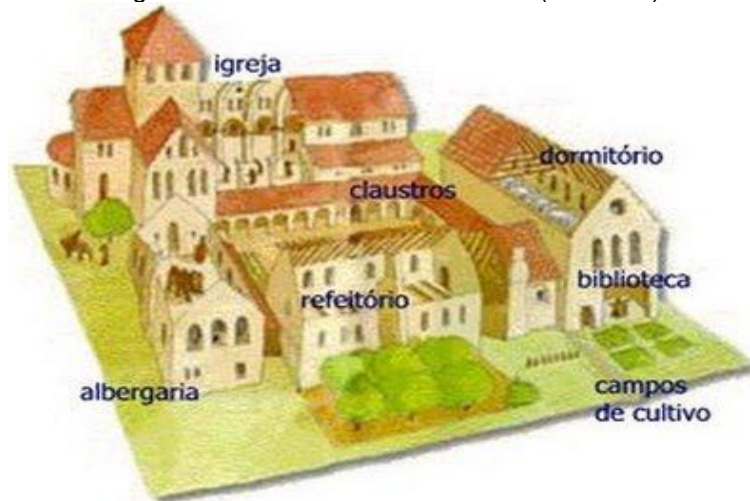
A biblioteca é o verdadeiro tesouro de um mosteiro; sem biblioteca ele seria como uma cozinha sem caçarolas, uma mesa sem alimentos, um poço sem água, um rio sem peixes, uma capa sem roupas, um jardim sem flores, uma bolsa sem dinheiro, uma vinha sem uvas, uma torre sem guardas, uma casa sem mobília. E da mesma forma porque se conserva cuidadosamente uma joia num escrínio bem fechado, ao abrigo da poeira e da ferrugem, a biblioteca, suprema riqueza do convento, deve ser atentamente defendida contra a umidade, os ratos e os bichos (MARTINS, 1956, p. 84 -85).

Vamos procurar entender o que são os mosteiros, que tiveram grande importância na Idade Média. Os mosteiros são uma construção suntuosa, onde vivem em comunidade os membros de ordens religiosas, como também locais para onde os monges se retiravam da vida mundana e viviam como eremitas, num regime de flagelações e jejuns prolongados. Nesses mosteiros, chegaram à forma sociedades poderosas e bem organizadas, muito semelhante ao papel desempenhado pelos castelos feudais, onde os seus superiores tinham o mesmo poder dos nobres feudais.

Os mosteiros durante a Idade Média eram considerados a habitação dos monges beneditinos que faziam votos de pobreza e castidade, prestavam obediência ao abade, praticavam a caridade e a hospitalidade para os menos abastados. Realizavam nestes locais trabalhos manuais para garantir a subsistência. Rezavam, meditavam e dedicavam-se ao estudo e ensino, surgindo assim as escolas monásticas. No começo apenas para formação de futuros monges, numa espécie de regime de internato e depois como escolas externas para formação de leigos. Historiadores consideram que foram estas instituições católicas que ajudaram a preservar e guardar o conhecimento durante o período da Idade das Trevas, como ficou conhecida a Idade Média. “Com maior ou menor interesse profano, com maior ou menor penetração leiga, são os mosteiros que salvam para o mundo moderno, a riqueza literária da Antiguidade” (MARTINS, 1956, p. 85).



Figura 11: Mosteiro na Idade Média (estrutura)



Fonte: <http://descobreadademedieval12c.blogspot.com.br/p/igreja.html>

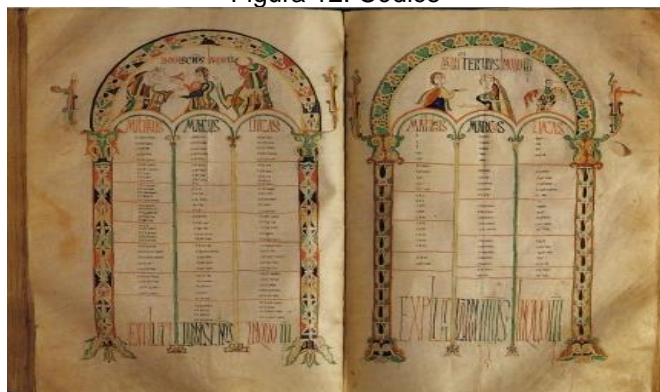
Portanto os mosteiros neste período foram criados e tidos como réplicas da morada paradisíaca dos seus habitantes, apresentando-se assim como cidades fechadas com seus muros isolados e auto-suficientes.

O acervo das bibliotecas monacais na Idade Média, era em sua maioria composto por textos religiosos e livros litúrgicos. Em menor quantidade, podiam ser encontrados nos acervos obras de todas as áreas do conhecimento, como as obras de autores da literatura clássica e filosofia greco-romana. Tirando as obras de literatura podiam ser encontrados nos acervos das bibliotecas documentos, registros e cartorários produzidos e que adotavam uma prática de ordenação similar, como também temática e geográfica. Entre as leituras obrigatórias deste período nos mosteiros, havia os textos de Santo Agostino, Boécio, além, e claro, da Bíblia.

Neste período o formato e suporte utilizado das obras eram diferentes em relação aos utilizados na Antiguidade, pois a partir da Idade Média as obras eram produzidas em formato de Códice (manuscritos gravados em madeira). O códice foi um avanço do rolo de pergaminho, que gradativamente substituiu este último como suporte da escrita, que por sua vez foi substituído, com o passar do tempo, pelo livro. “De início seguiam o formato dos papiros, posteriormente, o rolo deu lugar às folhas presas por costura e encadernadas, formando o códice, objeto que já apresentava o formato de livro. Aos poucos, esses livros artesanais foram se impondo, inclusive como bens preciosos da realeza” (MILANESI, 2002, p. 22 - 23).



Figura 12: Códice



Fonte:

[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:C%C3%B3dice\\_del\\_Archivo\\_Catedralicio.\\_Biblia\\_del\\_si\\_glo\\_X\\_.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:C%C3%B3dice_del_Archivo_Catedralicio._Biblia_del_si_glo_X_.jpg)

O desenvolvimento e manutenção do acervo das bibliotecas monásticas eram realizados através de cópias de obras, tidas como importantes e que muitas vezes eram emprestadas a outros mosteiros. Assim como na Antiguidade o trabalho de cópias das obras era função desempenhada pelos escribas, na Idade Média esta tarefa de cópia ficou a cargo dos monges. A tarefa de cópia dos livros fazia parte das atividades desempenhadas pelos monges, sendo estas consideradas tão importantes quanto os votos de castidade e obediência que faziam nos mosteiros diariamente. “Nos monastérios, onde monges calígrafos, principalmente os beneditinos, rezavam, copiavam e ilustravam textos, preservavam-se as grandes coleções de códices” (MILANESI, 2002, p. 23). Segundo Battles “os monges escreviam para aprender a ler e copiar as escrituras sagradas e para se entregarem com afincos a um trabalho espiritualmente recompensador” (BATTLES, 2003, p. 62).

A maioria das obras no período da Idade Média era manuscrita em latim, porém textos em outros idiomas como o grego, o hebraico ou árabe eram comuns, mas em minoria.

Em relação ao tamanho e quantidade de obras nos acervos das bibliotecas monásticas, no geral, não eram muito grande, como o acervo que se supõe ter existido na lendária Biblioteca de Alexandria. Este fato ocorria sobretudo devido ao alto custo da matéria prima utilizada na confecção dos manuscritos, como também da mão de obra dos monges copistas. Nesta época não existia grande demanda de manuscritos por parte da população, pois os

usuários das bibliotecas representavam um grupo muito pequeno. Alguns historiadores, estimam que entre os séculos IX e XI, o tamanho das coleções das bibliotecas dos mosteiros era em torno de 200 até 300 manuscritos.

No entanto com o passar do tempo, na Baixa Idade Média, o número de obras havia crescido. Uma das maiores bibliotecas deste período foi a do mosteiro de Saint – Denis, localizada na França. Com o aumento crescente das obras nos acervos, surgiu também a necessidade de um sistema de organização e localização dos livros nas estantes. Com isso a criação e elaboração de instrumentos escritos de controle do acervo tornaram-se cada vez mais necessários e urgentes para organização do conhecimento dentro destas bibliotecas. Segundo observa Mello:

O uso dos catálogos começou a ser comum nessa época. No fim do século XIV, os franciscanos ingleses fizeram o catálogo geral dos livros pertencentes aos Conventos da Ordem Geral da Inglaterra. A biblioteca iniciava outra fase na sua história. O catálogo já lhe tirava a conhecida característica de depósito de livros (MELLO, 1972, p. 215).

Geralmente as bibliotecas monásticas tinham muitos volumes da Bíblia, pois se tratava da principal obra de leitura cotidiana dos monges. As obras tidas como profanas e vistas como pagãs foram mesmo assim reproduzidas pela Ordem dos Beneditinos, conforme relata Mello:

Das ordens que mais se identificaram com o livro na Idade Média, sobressai a dos Beneditinos, nome que indica trabalho intelectual minucioso, paciente e perfeito. Também Dominicanos e Franciscanos deram às suas bibliotecas uma categoria especial (MELLO, 1972, p. 216).

Historiadores afirmam que muitos monges possuíam um baixo nível educacional e detinham poucos conhecimentos de línguas, de forma que realizavam as cópias apenas reproduzindo mecanicamente o desenho das letras, sem compreender o significado do texto copiado. Esta seria uma das hipóteses ou explicação dos historiadores para a existência de palavras sem sentido e soltas em algumas cópias. Deste modo a compreensão do conteúdo dos códices era dificultada em partes. Sem falar no fato de que, muitas vezes,

uma determinada obra era copiada por vários monges, dificultando ainda mais a compreensão e entendimento da obra.

Neste período o suporte mais utilizado pelos monges para produzir os manuscritos era o pergaminho. Os monges eram os maiores consumidores de pergaminho. Alguns mosteiros produziam seu próprio pergaminho. Contudo não eram todos os mosteiros que tinham experiência no preparo do pergaminho, resultando em um material de baixa qualidade, tendo que adquirir o suporte fora do mosteiro. No entanto o preço do pergaminho era bastante caro, sem falar que de vez em quando os mosteiros enfrentavam a escassez do produto, segundo constata Mello:

Durante a Idade Média, mosteiros e conventos eram os maiores centros de reprodução bibliográfica, muitos deles situados em lugares despovoados, distantes de centros comerciais, o que contribuía ainda mais para a crise de falta do pergaminho (MELLO, 1972, p. 129).

Em decorrência da escassez de pergaminho ou do alto custo e baixa qualidade, os monges encontraram como solução a este problema, o reaproveitamento de folhas já utilizadas de alguns documentos ou livros, que não tinham mais valor, utilidade e interesse para a biblioteca. O resultado desta prática ficou conhecido como Palimpsesto, que consistia no pergaminho apagado e reutilizado. Com esta prática feita pelos monges, o resultado não poderia ser muito satisfatório, pois era possível ver resquícios de texto anterior com o texto novo, conforme descreve Mello:

A solução era mesmo raspar obras consideradas sem maior valor. E assim, até as Sagradas Escrituras e livros dos Santos Padres, juntamente com a literatura profana de autores gregos e latinos, foram raspados, para serem utilizados de novo. Com este recurso, inconcebível, é evidente que foi conseguido bastante material para escrita, com inegável prejuízo para a cultura. Dessa devastação não escaparam nem as obras emprestadas por outros Mosteiros, como os de Bobbio e Grotta Ferrata, para serem copiadas (MELLO, 1972, p. 129-130).

Os usuários das bibliotecas monásticas eram, além dos monges, estudiosos de outros lugares, ligados ou relacionados aos mosteiros ou a universidades. A realização de empréstimos de obras era extremamente restrita. Porém a compra ou encomenda de uma cópia de livro era extremamente cara e demorada, contudo possível. As bibliotecas neste período não foram planejadas para serem acessíveis ao público, conforme Milanesi:

O acesso a esses acervos guardados nos mosteiros limitava-se aos que pertenciam a ordens religiosas ou eram aceitos por elas. Ler e escrever eram habilidades quase exclusivas dos religiosos e não se destinavam a leigos. Os monges contabilizavam o seu capital pelo tamanho e qualidade de suas bibliotecas. Determinadas obras, cópias raras, talvez únicas, que pertenciam a um monastério atraía o interesse de estudiosos que para lá corriam, percorrendo longos caminhos, para ter acesso ao códice precioso. Esses peregrinos da leitura iam de mosteiro em mosteiro, atravessando a Europa em busca de uma obra. A relação de livros das bibliotecas, primitivas bibliografias, passou a ser essencial para que não se perdesse uma viagem de semanas em busca de um texto inexistente (MILANESI, 2002, p. 23).

Dentro das bibliotecas monásticas, funcionavam as chamadas oficinas monásticas, conhecidas por *Scriptoria*, que eram locais onde os monges trabalhavam na produção e confecção de novos livros. Estes novos livros podiam integrar o acervo da própria biblioteca ou poderiam ser fruto de encomendas solicitadas por outras bibliotecas monacais, universitárias, de estudiosos, reis e nobres ligados ao mosteiro. A confecção de um códice incluía, além da cópia dos textos, os desenhos das ilustrações e a encadernação. Estas atividades eram supervisionadas por um monge experiente, que geralmente, desempenhava a função de bibliotecário.

Nos mosteiros existia um grupo de monges copistas, que residiam ali mesmo, os quais eram chamados de *scriptoris*. No entanto recebiam com alguma frequência, a visita de outros monges. O material básico utilizado pelos monges copistas era tinta, penas (ganso), folhas de pergaminho, cadeiras e uma escrivaninha que utilizavam para apoiar as folhas, além do livro a ser copiado.

Figura 13: *Scriptorium* (local usado pelos monges para escrever os manuscritos)



Fonte: [http://www.snpcultura.org/vol\\_scriptorium\\_medieval.html](http://www.snpcultura.org/vol_scriptorium_medieval.html)

Dentre as principais Bibliotecas Monacais, podemos citar duas especiais: a biblioteca de Cassiodoro e a biblioteca de um mosteiro Sírio liderado por Moisés de Nisibis. Conforme Martins, “ainda como importantes Bibliotecas Monacais dessa época temos a de Monte Atos, a de Saint Gall (Suíça), as de Lorbie, Cluny e de Fleury Sur Loire (França), dentre outras” (MARTINS, 1956, p. 86).

## **Bibliotecas Universitárias**

As primeiras universidades surgiram durante a Idade Média na Europa e eram ligadas à Igreja Católica e a nobreza. Segundo relata a pesquisadora Terezinha Oliveira, não existia idade exata para o ingresso na universidade. A partir dos séculos XII e XIII, houve uma grande explosão demográfica nas cidades europeias, transformando a sociedade e determinando a necessidade de atividades intelectuais que possibilitassem mais preparo para as novas demandas burocráticas que as cidades estavam criando, em decorrência do grande crescimento demográfico.

As pessoas ingressavam na maioria das vezes, nas universidades porque isto acarretava inserção política e cultural na sociedade. No começo as universidades não possuíam autonomia no âmbito da lei, pois dependiam da autorização do bispo local, e os universitários usufruíam de imunidades iguais às do clero desde que adotassem algumas práticas da Igreja Católica.

Antes do surgimento das universidades eram os mosteiros que exerciam a função de preservação e difusão do conhecimento. Porém com a chegada das universidades, o conhecimento tornou-se mais acessível, colocando ordem no saber científico de até então. As universidades foram essenciais para a construção do conhecimento ocidental, pois havia estudiosos engajados e preocupados prioritariamente com o desenvolvimento e progresso da ciência. Mais tudo isso só podia acontecer com o respaldo e autorização da Igreja Católica, através das bulas papais. Segundo alguns historiadores, nos currículos universitários era comum encontrar o que se denominou como sete artes liberais (aritmética, geometria, astronomia, lógica, gramática, música e retórica), sendo estas disciplinas responsáveis pela formação profissional nos cursos de teologia, direito e medicina.

No início existia uma concorrência acirrada entre os mosteiros e as universidades, para assegurarem para si o domínio e controle do conhecimento. Porém com o passar do tempo, a produção do conhecimento foi migrando de um espaço para outro, segundo relata Martins:

No continente, as primeiras universidades são, por assim, dizer um prolongamento das ordens eclesásticas: Franciscanos e Dominicanos encontram-se na origem de muitas delas. A própria Universidade de Paris tirou o seu nome de um religioso, Robert de Sorbon, que igualmente iniciou a sua biblioteca com a doação dos primeiros livros (MARTINS, 1956, p. 91).

O surgimento das universidades levou ao aparecimento de um novo tipo de biblioteca: as bibliotecas universitárias. “Nas cidades europeias, havia surgido a universidade, modelada nas casas da sabedoria do mundo muçulmano” (BATTLES, 2003, p. 80).

A biblioteca universitária constituía-se num recinto quase sagrado, com acesso restrito somente aos que tinham autorização para adentra-las e utiliza-

las. Neste período algumas universidades estabeleceram determinadas regras e regulamentos de uso das suas bibliotecas, segundo relata Martins (1956, p. 92 - 93):

- 1- Qualquer pessoa que entre na biblioteca deve imediatamente fechar a porta; igual obrigação lhe incumbe se nela introduzir um ou mais visitantes. Ao sair, deve igualmente fechar a porta, mesmo que outros continuem na biblioteca, tudo sob pena de multa de seis tostões;
- 2- Qualquer pessoa que se tenha servido de um livro deve fecha-lo, antes de se retirar. Assim se decidiu porque diversas pessoas tinham o hábito de deixar os livros abertos, o que os expõe a todos os acidentes e ao pó. Da mesma forma, quando alguém introduzir visitantes na biblioteca, verificará que os livros por eles usados fiquem fechados, sob a mesma pena que lhe seria imposta se deixasse pessoalmente os livros abertos. Essa pena será de multa de seis tostões por volume deixado aberto, se diversos volumes forem deixados abertos, multiplica-se a multa pelo número de volumes, à razão de seis tostões cada um;
- 3- Se alguém introduzir um estranho na biblioteca, não poderá afastar-se dele, salvo se deixar alguém com o visitante. Mas se o que introduzir um estranho na biblioteca se afastar sem estar certo vai que uma pessoa da casa consente em acompanhar o visitante, o introdutor incorrerá na multa de seis tostões.

Em determinadas bibliotecas universitárias era muito comum encontrarmos livros acorrentados, possivelmente como solução encontrada para evitar roubos, já que os livros nesta época eram caros. Segundo Milanesi, “os livros, de acordo com o seu valor – copiados à mão e ricamente ornamentados – ficavam presos por correntes às estantes, mas de maneira que pudessem ser levados às mesas de leitura” (MILANESI, 2002, p. 24).

O acervo das bibliotecas universitárias era muito pequeno se compararmos com os acervos de hoje em dia. Algumas dessas bibliotecas nem tinham o acervo concentrado em um mesmo espaço físico, conforme constata Battles:

De fato, em meados do século XIII, os livros da faculdade não estavam nem mesmo reunidos numa biblioteca. Ficavam distribuídos entre os professores, que os utilizavam em suas atividades de ensino. Era só quando um professor viajava que os livros usados por eles

ficavam armazenados em arcas acessíveis a todos (BATTLES, 2003, p. 80).

Outro aspecto que influenciou a criação e desenvolvimento das bibliotecas universitárias foi a doação de leigos ricos, nobres e mercadores de livros para compor o acervo destas bibliotecas, com objetivo de ter status sociais perante a cidade, sendo esta prática muito comum no Renascimento. Com a criação das bibliotecas universitárias, a figura do bibliotecário surgiu de fato, como aquele profissional responsável pela organização da informação, consolidando ainda mais o seu papel de disseminador do conhecimento, no período do Renascimento.

As bibliotecas universitárias da Idade Média de grande prestígio social foram as seguintes: Biblioteca Jurídica de Orléans, a Biblioteca Médica de Paris, a Biblioteca de Oxford e a de Cambridge.

As bibliotecas universitárias eram frequentemente, muito menos importantes e praticamente não existiam antes do século XV.

## **Bibliotecas no Renascimento**

O Renascimento foi um movimento cultural que ocorreu durante os séculos XIV, XV e XVI na Europa, e tinha como objetivo resgatar a cultura esquecida durante o período da Idade Média. As principais características do movimento Renascentista foram o racionalismo, experimentalismo, individualismo e por último o antropocentrismo. A maior característica de todo o movimento, foi o humanismo que buscava valorizar o homem, que a partir daí começou a ser considerado como um ser racional e posto no centro do universo. O movimento Renascentista trouxe importantes contribuições científicas na área da astronomia, física, medicina, matemática e geografia.

Foi durante o movimento Renascentista que as bibliotecas passaram a desenvolver o seu papel de disseminadoras da informação, sem falar que foi nesta época que o bibliotecário assumiu de fato, o papel de agente central nas atividades das bibliotecas.



Durante o Renascimento, Gutenberg foi o primeiro no mundo a realizar a impressão por tipos móveis, por volta de 1439, sendo considerado o inventor global da prensa móvel. Dentre as suas muitas contribuições, a impressão foi à invenção de maior destaque e repercussão, pois permitiu o processo de produção em série, a partir do uso de tinta a base de óleo e ainda a utilização de uma prensa de madeira. Esta invenção de Gutenberg resultou em um sistema prático em relação à produção de manuscritos por monges, em uma produção de livros impressos e que se tornou economicamente rentável para as gráficas e para os leitores. Segundo relata Milanesi:

A imprensa de Gutenberg surgiu, então, para incrementar o barateamento da produção de livros e a disseminação do conhecimento. Talvez tenha sido ela que conferiu ao papel a sua importância. Com o uso de tipos móveis, foi possível montar e desmontar matrizes de impressão; o suporte papel fabricado com fibras vegetais, muito mais barato e mais fácil de ser manufaturado do que a pele de carneiro permitiu o aumento extraordinário de obras disponíveis. Foi um momento de transição e de perplexidade para o europeu (MILANESI, 2002, p. 25).

O livro raro e caro tornou-se acessível, e o que era restrito ao clero e aos nobres, passou a ser utilizado pelos diversos segmentos da população. Um exemplo típico dessa acessibilidade ao livro foi a Bíblia de Gutenberg, que antes era copiada a mão e pouco acessível à plebe, mas que devido a vários fatores, tornou-se acessível e conhecida pela população. Os manuscritos que eram poucos e cheios de sacralidade tornaram-se profanos devido às grandes reproduções e tiragens cada vez maiores.

Essa nova situação de acessibilidade ao livro em decorrência do movimento Renascentista, acabou estimulando o conhecimento das letras e a absorção de novos conhecimentos. “Surgiram muito mais autores porque crescia o número de leitores face à maior acessibilidade ao livro. Progressivamente o fator ignorância como condição de domínio foi sendo alterado” (MILANESI, 2002, p. 25 - 26).

Alguns estudiosos chegam a afirmar que o Renascimento significou uma verdadeira reviravolta no campo da leitura, pois não alterou apenas o

monopólio da oferta de livros, mas também novas maneiras e formas de praticar a leitura.

O Renascimento trouxe consigo, em especial para a área do conhecimento, uma maior preocupação em relação a grande explosão de informações depois dos tipos móveis de Gutenberg, com a situação física dos livros, a disposição, organização, entre outros detalhes de vital importância que passaram a ser avaliados na organização das bibliotecas, como também em técnicas para solucionar os problemas existentes, em relação ao grande acúmulo de conhecimento. Segundo relata Milanesi:

Para abrigar tantos produtos editoriais que as tipografias geravam, foi necessário repensar a biblioteca como espaço físico. As pequenas salas com livros acorrentados e com ar de capela não eram mais suficientes. A mudança do caráter dos livros, de religioso e reservado para um instrumento de conhecimento segmentado, refletiu-se com clareza na ideia de coleção dentro da diversidade de assuntos. Dentro dessa nova perspectiva do conhecimento dada na Renascença, somado à imprensa e a proliferação dos livros e das bibliotecas, buscaram novas formas de organizar os acervos. Se antes, os manuscritos eram separados por língua, depois os impressos foram ordenados por assuntos (MILANESI, 2002, p. 27).

Percebe-se com isso tudo, que a partir do Renascimento que o caos bibliográfico ganhou espaço e se estabeleceu, transformando e alterando a função das bibliotecas, de simples depósitos para instituições com grandes contribuições sociais para o desenvolvimento, guarda, transmissão e disseminação do conhecimento. A figura do bibliotecário entrou de vez em cena para por ordem nesse caos decorrente do movimento Renascentista. Criando e desenvolvendo técnicas para organizar o conhecimento que se tinha registrado até aquele momento.

## **Bibliotecas Bizantinas**

Historiadores pouco explanam acerca das bibliotecas bizantinas, mesmo estas bibliotecas tendo uma grande importância e contribuição na História. As bibliotecas bizantinas localizavam-se no Oriente, sendo mantidas por religiosos

Ortodoxos. As bibliotecas bizantinas permitiram um menor controle da entrada de obras consideradas como profanas em seus acervos, e com isso tiveram grande importância na questão da preservação e conservação desse tipo de obras. Porém com enfoque diferente das bibliotecas monacais católicas, que se baseavam exclusivamente no ensino da literatura latina e respectiva cultura.

“As bizantinas eram com predominância de núcleos de civilização helênica. Ora sem o helenismo não haveria igualmente Renascença, e as bibliotecas bizantinas concorreram, assim com a parcela mais importante nessa revolução de ideias” (MARTINS, 1956, p. 89).

Os mais célebres dos conventos bizantinos foram o Studion com a sua respectiva oficina de copistas e a sua biblioteca, o Claustro de Santa Catarina, juntamente com o Monte Sinai. Na cidade de Constantinopla, se encontravam algumas das maiores bibliotecas particulares mantidas por imperadores e grandes senhores, que posteriormente foram transformadas em bibliotecas oficiais.

## **Bibliotecas Particulares**

Em relação ao tamanho do acervo das bibliotecas particulares do Oriente, eram consideradas grandes e tinham aproximadamente cem mil volumes. Dentre as obras que formavam o acervo das bibliotecas particulares havia cópias autênticas dos atos do Concílio de Nicéia, Homero, e do sábio Fócio, que era composta por 280 obras de valor inestimável. Algumas das bibliotecas particulares contavam com copistas e um bibliotecário. “Pelo Código Teodosiano, sabe-se que nessa época havia sete copistas, dirigidos por um bibliotecário principal; em 730 D.C., esse número sob para doze” (MARTINS, 1956, p. 89).

Outra grande biblioteca particular foi a do rei Carlos V, da França, que chegou a reunir em seu acervo mil e duzentos volumes, sendo uma quantidade considerável para sua época. “Os grandes senhores passaram a constituir suas próprias bibliotecas” (MARTINS, 1956, p.90). Os manuscritos destas bibliotecas não eram importantes, somente pelo seu conteúdo, mas pelas suas miniaturas e iluminuras.

## **4.4 Biblioteca Moderna: adaptações tecnológicas, especialização e tipos de bibliotecas**

O mundo está passando ultimamente por um período de constantes transformações, o qual tem resultado em consequentes impactos sociais em decorrência das transformações tecnológicas. As novas tecnologias possibilitaram que as diversas tarefas passassem a ser desenvolvidas e realizadas por máquinas, ocorrendo assim um redimensionamento da atividade humana, neste contexto tecnológico que vivemos no século XXI.

As mudanças sociais causadas pela tecnologia não são fato novo para as bibliotecas. Ao longo de sua história, as bibliotecas passaram e sofreram diversas transformações. Na Idade Média, as bibliotecas eram repletas de livros grandes e pesados, administradas por monges e utilizadas por membros da igreja. Com o passar do tempo, esse caráter restritivo ao conhecimento cedeu lugar a uma biblioteca fornecedora de informação em diferentes formatos e suportes, sendo acessível a qualquer pessoa.

Hoje em dia com os avanços tecnológicos é possível converter objetos físicos e materiais em objetos virtuais, ajudando e facilitando a transferência de informação. Nas bibliotecas, estas mudanças foram notadas principalmente com a introdução das tecnologias de informação e comunicação, como por exemplo: as bases de dados online e os catálogos eletrônicos, que alteraram a rotina e o ambiente de trabalho dos bibliotecários, como também o processo de interação entre os bibliotecários e os usuários, conforme relata Le Coadic:

A biblioteca tradicional, que conservava apenas livros, sucedeu a biblioteca que reúne acervos muito mais diversificados, tanto por seus suportes como por sua origem: imagens, sons, textos. Transformou-se em midiateca. Ademais, ao acolher não somente as obras de um patrimônio legado pelo passado, mas as informações veiculadas por redes comerciais atuais e em tempo real, ela passou a ser um sistema de informação (LE COADIC, 1996, p.15).

Com a evolução da sociedade, o homem sentiu a necessidade de criar sistemas de armazenamento que possibilitassem certo controle informacional, desta forma impedindo que houvesse uma dispersão de informações. A Revolução Industrial que ocorreu no Século XIX e seus posteriores desdobramentos, trouxeram, consigo inúmeras transformações para a humanidade, mudando e alterando significativamente as forças produtivas. A Revolução Industrial trouxe também o chamado caos informacional, conforme relata Milanesi:

A produção de impressos, livros e, principalmente, periódicos cresceu de tal forma que superou a capacidade de organizá-los. As novas descobertas em todas as áreas do conhecimento humano exigiam um número tal de publicações que não havia recursos para comprá-las, nem espaço suficiente para armazená-las, nem critérios de organização. Enfim, um texto corria o sério risco de não concretizar o seu objetivo, perdendo-se no chamado “caos bibliográfico” (MILANESI, 2002, p. 29).

Com o baixo custo de produção do livro e as grandes transformações ocorridas na sociedade em decorrência da Revolução Industrial, ocorre o surgimento de uma literatura especializada para capacitar a mão de obra que atuava nas indústrias. Assim tanto cientistas quando operários, para se manterem no mercado de trabalho necessitavam de estudos especializados para desenvolverem suas atividades, pois a tendência era produzir máquinas para serem operacionalizadas por pessoas qualificadas, que deviam conhecer todos os procedimentos para sua correta utilização, visando um trabalho rápido e otimização do tempo.

Com o rápido processo de evolução da sociedade, a biblioteca que até o momento tinha apenas a função de organizar e guardar o saber contido nos livros, passa a ter agora um caráter e função de serviço, conforme relata Milanesi:

A circulação das ideias expandiu-se, saltou, definitivamente, o muro dos conventos, chegando a um número de pessoas cada vez maior. As bibliotecas deixaram de ser tesouros para se tornarem serviços e os livros perderam o seu valor material para se tornarem material de consumo, tornando-se domésticos. Os cidadãos passaram a formar

bibliotecas em suas casas, como formavam os reis pré-Gutenberg (MILANESI, 1983, p. 21).

A Revolução Industrial trouxe o rápido processo de evolução tecnológica, que provocou e alterou todas as áreas do conhecimento, o que resultou na burguesia industrial, maiores lucros, menos custos e produção acelerada, melhoria na produção de mercadoria. Como também trouxe o crescimento populacional, maior demanda de produtos e mercadorias. Na área do conhecimento, a Revolução Industrial trouxe consigo um grande acúmulo e produção de informações, que o homem já não estava dando conta de organizar e controlar. A única solução encontrada para o problema do caos informacional que se estabeleceu foi a especialização das bibliotecas para conseguir dar conta de organizar todo o conhecimento, que estava sendo produzido em grande quantidade. Conforme relata Milanesi:

O caminho escolhido para tornar uma biblioteca perfeitamente útil foi a especialização. O conhecimento é fracionado em partes cada vez menores, permitindo aos acervos e aos serviços atenderem à demanda especializada. A ideia do universal passa a ser substituída pelo particular. Quanto mais uma biblioteca reduz o campo temático, mais exequível se torna o desejo de ser completa (MILANESI, 2002, p. 30).

Podemos notar com a chegada da Revolução Industrial e posteriormente os progressos do século XX e XXI, que a biblioteca começou a assumir e desempenhar funções diferentes de tempos anteriores, passando a desempenhar um importante papel no desenvolvimento e progresso da sociedade. Passa a ter atribuição de valor, seja econômico ou não, pelo simples fato de manter a sociedade informada. Conforme constata Milanesi:

Buscar o conhecimento pode ser útil tanto ao estudante que deseja tirar uma boa nota na prova quanto para o empresário que o considera estratégico para a sobrevivência de seu negócio. Cada um atua como pode: buscando os dados de que precisa nas narrativas dos mais velhos, percorrendo os labirintos das bibliotecas, ou vasculhando o planeta a bordo dos instrumentos da internet (MILANESI, 2002, p. 34).

O século XX traz a ideia de biblioteca como uma forma de organização do conhecimento em que projeta uma nova função: sistematizar o acesso às informações. Com isso a informação tornou-se um bem acumulável e de valor, na qual a biblioteca transformou-se em um território mais adaptado e adequado para as constantes transformações sociais que foram: o desenvolvimento industrial, e a competição entre sociedades científicas e tecnológicas. A partir do século XX, principalmente no período entre guerras, a informação passa a ser vista como um elemento estratégico e de valor para a segurança e o desenvolvimento de sociedades. “Em qualquer paisagem social a relação do indivíduo com a informação pode definir o seu papel e status na sociedade em que está integrado” (MILANESI, 2002, p. 34).

Com a explosão informacional ocorrida na segunda metade do século XX, surgiu a necessidade de incrementar o desenvolvimento de serviços e produtos nas bibliotecas. Como também a intermediação entre usuários e os conteúdos solicitados, tais como: bibliografias, índices, resumos, relatórios. Desta forma passou-se a agregar às bibliotecas tradicionais novas atividades e funções. As bibliotecas passaram a incorporar, também outros tipos de documentos, como: periódicos, jornais (hemeroteca), mapas (mapoteca), fitas de vídeo (videotecas), discos (discotecas), *slides* em seus acervos.

Porém a explosão informacional trouxe um grande problema para as bibliotecas, o de organizar todo o grande conhecimento para evitar a perda de informações. Como também o fato de que as bibliotecas estão conseguindo acompanhar a velocidade de produção documental, para inserir nos seus acervos as publicações referentes a estes novos conhecimentos e mantendo-se atualizadas para atenderem as demandas dos seus usuários. Segundo relata Milanesi:

Na segunda metade do século XX, imaginou-se encontrar uma saída para a alta produção de textos: o uso de microformas. Um livro poderia estar contido numa ficha. Isso poderia resolver apenas o problema do espaço, mas outras questões permaneceriam sem resposta. Os instrumentos de busca para se encontrar o específico desejo, tanto nas formas convencionais quanto na microforma, permaneceram como desafio (MILANESI, 2002, p. 30).

Outro fato além da grande quantidade de informações produzidas que deve ser destacado é a questão da obsolescência dos registros do conhecimento. Estamos num período em que a informação tanto pode ter grande valor econômico e tecnológico para o desenvolvimento de uma sociedade, como também pode ficar ultrapassada rapidamente, perdendo seu valor perante o mundo, conforme constata Milanesi:

Além da grande quantidade de documentos, há um outro fator que deve ser levado em consideração: a obsolescência do conhecimento. Se nos séculos iniciais da imprensa, um texto do campo das ciências ainda tinha valor muitas décadas depois de sua edição, no século XXI, poucos meses ou mesmo dias são suficientes para descartar um documento ou uma série deles porque já estão superados. Por mais que os editores mantenham a regularidade e a disseminação seja feita com rapidez dos voos aéreos, um periódico científico, ao ser lançado, já pode estar superado (MILANESI, 2002, p. 30).

Os aspectos espaço, armazenamento, velocidade de disseminação e de acesso das bibliotecas foram as maiores preocupações das bibliotecas no século XX, para evitar a perda do conhecimento no conhecido caos informacional. A solução encontrada para estes aspectos só foi possível no transcorrer do século XX para o XXI, porém alguns destes aspectos ficaram sem respostas.

A visão e percepção de bibliotecas tradicionais já vinham sofrendo mudanças e alterações desde a Revolução Industrial, com os progressos tecnológicos que ela trouxe. Contudo foi na metade do século XX, que as bibliotecas sofreram transformações e adaptações radicais, em virtude das novas tecnologias que estavam surgindo e da internet que estava causando profundas transformações e mudanças em todas as áreas do conhecimento. Segundo relata Milanesi:

Em menos de duas décadas, as grandes máquinas evoluíram para pequenos e potentes engenhos capazes de armazenar volumes gigantescos de informação e processá-los em velocidade ano a ano maior. Ao estabelecer a possibilidade de conectar esses computadores pessoais entre si e a grandes computadores, estava



desenhada a internet. E com ela estabelecia-se um novo panorama para a informação: todo o conhecimento poderia estar na memória dos computadores e esse conhecimento seria alcançado a qualquer momento por qualquer indivíduo que tivesse um computador e um telefone para a conexão. Além disso, caía a barreira entre escritor e o leitor: todos podiam desempenhar esses dois papéis. Desenhou-se, rapidamente, um cenário de perplexidade a respeito da informação na sociedade e do destino das bibliotecas (MILANESI, 2002, p. 32).

Assim caberá à biblioteca participar das transformações tecnológicas por meio de novos posicionamentos e novas atribuições do profissional da informação, como consequência da revolução tecnológica vivenciada por toda a sociedade. Contudo a biblioteca continuará a desempenhar sua função social e tradicional de armazenagem e compartilhamento do conhecimento. Também continuará a ser uma das principais ferramentas da educação, sendo a base para a geração do pensamento inovador, estimulando a cultura e ajudando o desenvolvimento social, coletivo e individual dos cidadãos.

Porém o seu papel social se ampliará, continuando a coordenar e facilitar a preservação do conhecimento, expressão cultural e intelectual da sociedade e dos usuários, com a utilização de formatos tradicionais e digitais. “Assim, apesar das dificuldades financeiras que tradicionalmente a biblioteca enfrenta, as novas tecnologias foram, paulatinamente, incorporadas às suas atividades, provando mudanças internas e na maneira de prover produtos e serviços aos usuários” (CUNHA, 1999, p. 1).

Não somente a instituição biblioteca em si sofreu com as transformações e implementações tecnológicas no seu ambiente, os profissionais da informação, em especial os bibliotecários, sofreram também mudanças radicais devido às novas tecnologias, tornando-se assim gerentes e gestores da informação e do conhecimento. Os bibliotecários passaram a interagir com os usuários não só no processo tradicional da busca por documentos solicitados, mas também, e cada vez mais, no processo de geração do conhecimento, gerenciamento de informações digitais e no auxílio da busca e recuperação de informações.

A crescente demanda informacional da sociedade e a grande produção de conhecimento exigiu a especialização do trabalho do bibliotecário e o

aumento dos canais de comunicação, resultando em diferentes tipos de bibliotecas. Com isso as bibliotecas passaram a ser classificadas principalmente pelo tipo de público, por seu foco temático ou de domínio, por sua missão e objetivos e pelos serviços que oferecem.

Apresenta-se a seguir os diferentes tipos de biblioteca a partir de suas definições:

### **Biblioteca Infantil**

Dedicada ao atendimento de crianças, seu acervo é formado por livros de literatura infantil e infanto-juvenil, jogos, entre outros materiais recreativos.

Este tipo de biblioteca exige do bibliotecário conhecimentos na área de psicologia, pedagogia, literatura infantil, entre outros. O serviço desta biblioteca requer muito dos educadores e dos bibliotecários.

A biblioteca infantil tem como missão despertar na criança o gosto pela leitura, contribuindo ao seu desenvolvimento cognitivo. Tem como objetivo primordial familiarizar as crianças com os diversos materiais e tipos de livros, nas atividades de recreação.

### **Biblioteca Escolar**

Dedicada a oferecer infraestrutura bibliográfica e audiovisual do ensino fundamental e médio. “Biblioteca Educacional é a que está ligada a estabelecimento de ensino, fundamental ou médio, destinado a alunos e professores” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 51). Esta biblioteca deve funcionar como um verdadeiro complemento da sala de aula, fornecendo todo o material bibliográfico necessário às atividades escolares. Consiste num centro de recursos educativos, integrado ao processo de ensino e aprendizagem. Tem como objetivo desenvolver e fomentar a leitura e o acesso à informação.

## **Biblioteca Universitária**

Dedicada a fornecer infraestrutura bibliográfica e documental aos cursos, pesquisas e serviço acadêmicos mantidos pela universidade. Segundo define Cunha:

A que é mantida por uma instituição de ensino superior e que atende as necessidades de informações dos corpos docente, discente e administrativo, tanto para apoiar as atividades de ensino, quanto de pesquisa e extensão. Pode ser uma única biblioteca ou várias organizada como sistema ou rede (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 53).

Tem como finalidade atender a estudos, consultas e pesquisas de alunos, professores e servidores. Funciona como um verdadeiro centro de documentação, estando integrada à universidade. Normalmente custeada e mantida pelo setor público ou privado. Sua finalidade é oferecer apoio ao desenvolvimento de programas de ensino e pesquisa.

## **Biblioteca Especializada**

Dedicada à especialização das coleções de acordo com o assunto da instituição mantenedora, como também de acordo com a tipologia dos usuários. “Biblioteca organizada sobre disciplinas ou áreas específicas do conhecimento” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 51). As primeiras bibliotecas desta categoria foram as dos laboratórios das grandes empresas industriais, comerciais e de associações profissionais. Os acervos destas bibliotecas devem estar sempre atualizados e devidamente dotados de recursos informacionais, além, é claro, de um considerável acervo bibliográfico e um setor informatizado. Neste tipo de biblioteca devem constar publicações e materiais referentes ao patrimônio científico, cultural e tecnológico da entidade mantenedora.

## **Biblioteca Pública**

Considerada uma das mais importantes categorias de bibliotecas, pois, além de desempenhar seus objetivos específicos, pode funcionar como recurso ou fonte complementar para as demais categorias com alguns de seus serviços prestados a comunidade. Totalmente aberta a toda população visando a coletividade. Seu acervo deve ser composto por todos os gêneros de obras de interesse da coletividade a que pertence. “A que é posta à disposição da coletividade de uma região, município ou estado, e que é financiada principalmente por dotações governamentais” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 52).

À biblioteca pública cabe promover o desenvolvimento cultural, com o fomento ao gosto pela leitura, apoio a educação formal e informal, divulgação do idioma nacional, preservação da memória, etc. Instituição voltada, principalmente à satisfação das necessidades informacionais e culturais da comunidade que atende.

## **Biblioteca Nacional**

Esse tipo de biblioteca tem como finalidade reunir e preservar a produção bibliográfica de determinado país, a qual deve ser recebida, sobretudo por meio do chamado depósito legal. A biblioteca nacional é considerada a memória documental de um povo. Segundo constata Cunha:

A que é responsável pela aquisição e conservação de exemplares dos documentos publicados no país. A lei do depósito legal é, em vários países, um dos fatores de enriquecimentos dos acervos desse tipo de biblioteca. Entre as funções que desempenha podem ser mencionadas: a) compilar e publicar a bibliografia nacional corrente e bibliografias retrospectivas; b) manter coleções de documentos sobre o país; c) atuar como centro nacional de informação bibliográfica; d) organizar e manter os catálogos coletivos nacionais (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 52).

À biblioteca nacional cabe coordenar a atividade de permuta nacional e internacional, programas nacionais de aquisição de publicações estrangeiras. Atua também na coordenação da rede nacional de bibliotecas e mantém o catálogo coletivo nacional de livros e periódicos.

Seu público em geral, não se restringe somente aos frequentadores usuais, na medida em que possui também uma clientela de pesquisadores. O acervo e manutenção ficam a cargo do governo federal do país.

## **Biblioteca Digital**

As bibliotecas digitais têm como base informacional conteúdos em formatos digitais, livros, periódicos, teses, imagens, vídeos etc. Estão armazenados e disponibilizados para acesso através de programas padronizados, em servidores próprios ou distribuídos, que são acessados via redes de computadores em outras bibliotecas ou através de redes de comunicação que existem entre bibliotecas.

O conteúdo deste tipo de biblioteca encontra-se na forma eletrônica e digital, em que é acessado localmente ou através de redes de comunicação. Segundo observa Cunha:

Proporciona o “acesso em linha não somente a catálogos, mais também a uma grande variedade de recursos eletrônicos existentes na própria biblioteca ou fora, como por exemplo, índices e resumos bibliográficos, bases e bancos de dados, sistemas de CD-ROM, entrega de documentos, jornais eletrônicos, bases de dados de imagens”. Combinação de uma coleção de objetos digitais (repositório), descrições desses objetos (metadados), o conjunto de usuários e os sistemas que oferecem vários serviços, como captação, indexação, catalogação, busca, recuperação, provisão, arquivamento e preservação de dados ou informações (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 50).

A criação de bibliotecas digitais foi muito importante, principalmente com o advento da internet, na qual ganharam força, tornando-se um verdadeiro instrumento de distribuição, cooperação e acesso ao conhecimento. Tem como

intuito atender e servir de foco agregador a uma comunidade segmentada ou distribuída geograficamente.

### **Bibliotecas Híbridas**

Bibliotecas híbridas são aquelas que possuem em seu acesso publicações em papel e formato digital. “Designa uma biblioteca convencional que também oferece produtos e serviços informacionais eletrônico ou acesso em linha” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 51). O conceito deste tipo de biblioteca parece ser o mais adaptado para satisfazer as necessidades informacionais atuais. Transição pelas quais as bibliotecas tradicionais vêm sofrendo, como também conciliando os tipos de atividades desenvolvidas por elas.

O termo biblioteca híbrida refere-se ao estado de transição da biblioteca, que hoje em dia não está totalmente impressa nem totalmente digital. A sua importância se dá no atendimento dos vários tipos de usuários, através da flexibilidade dos serviços oferecidos, e da integração dos suportes impressos e digitais, que as bibliotecas passam nesse período de transição tecnológica.

As bibliotecas híbridas devem dispor de uma gama de interfaces, com compartilhamento de recursos, diferentes tipos e formatos de suportes como os seguintes: catálogo, CD-ROM, disquete, serviços completos de textos impressos, sistema de reservas eletrônicas, grupo de dados, jornais eletrônicos e impressos, livros eletrônicos, livros para referência, coleções especiais, mapas, slides, gravações de áudio e vídeo.

O termo biblioteca híbrida descreve habilidades que ela possui em oferecer diferentes produtos e serviços, com o intuito de atender as necessidades individuais e coletivas de seus usuários. Porém este tipo de biblioteca deve possuir operações diferenciadas para cada tipo de usuário, uma vez que cada tipo de usuário possui uma necessidade informacional individual.

Assim as bibliotecas terão que adaptar-se aos novos tempos para irem ao encontro das necessidades dos novos usuários, e com isso as bibliotecas híbridas entraram no cenário com o seu papel inovador, neste período de transição em que algumas bibliotecas se encontram. Os tipos de usuários das bibliotecas híbridas são na sua maioria: usuários presenciais, pesquisadores,

alunos, professores de instituições de ensino, etc. As bibliotecas híbridas também disponibilizam os produtos e serviços solicitados enviando as informações pelos canais de comunicação da biblioteca com os usuários através de email, fax, correio, de acordo com a demanda informacional. Como também passam a oferecer ao cidadão um conjunto de informações que as novas tecnologias tornaram possível, mas já de forma tratada e selecionada, possibilitando mais agilidade de acesso à informação.

As características das bibliotecas modernas é permitir o acesso remoto pelo usuário, por meio de um computador conectado a uma rede, possibilidade de utilizar simultaneamente o mesmo documento, existência de coleções de documentos, onde pode ser acessado não somente a referência bibliográfica, mas também o texto em completo ou em partes, utilização de diversos suportes da informação. Nas bibliotecas modernas também houve a introdução de processos digitais nos diversos serviços comumente existentes numa biblioteca, adaptação de sistemas inteligentes de busca e recuperação da informação.

Na atualidade, as bibliotecas vêm se adaptando cada vez mais aos processos de inovações tecnológicas ocorridas com a evolução da humanidade, sendo que uma das principais características da biblioteca do futuro será não mais o volume do seu acervo, mais sim a crescente possibilidade de poder disseminar as informações com outras instituições através das novas tecnologias.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a metodologia adotada, as análises e comentários referentes à evolução das bibliotecas ao longo do tempo encontram-se incluídos na Revisão de Literatura, a qual reflete percepções e opiniões dos autores citados, bem como do autor desta monografia. Dessa forma, analisadas as questões referentes à temática abordada, torna-se possível encerrar a pesquisa com algumas considerações finais.

O foco principal deste trabalho foi discorrer sobre a origem e evolução histórica das bibliotecas desde o período da Antiguidade, quando os acervos das bibliotecas eram constituídos por suportes minerais como: argila, papiro e animal. Passa pelo período da Idade Média, quando o uso do papel começa ser difundido no ocidente, dentro de um contexto que visava atender as necessidades informacionais, a partir da utilização de um suporte mais barato, resistente, e praticamente inesgotável, o qual foi capaz de substituir o precioso pergaminho, até então tido para época como o suporte mais utilizado pelo mundo. O processo de transição que ocorreu nas bibliotecas, as quais estiveram durante muitos anos sob o domínio da Igreja Católica e dos reis, privando a população do acesso ao conhecimento. A perda do seu caráter de instituição sagrada e com certo misticismo para transformar-se em um local de trabalho, estudo, descobertas e progressos para a sociedade. Posteriormente as bibliotecas sofrem uma verdadeira transformação com a introdução dos computadores e das novas tecnologias e demandas informacionais, resultando em um processo de especialização por tipos de bibliotecas, para dar conta das demandas, no caos informacional que se estabeleceu nos séculos XX e XXI.

Conclui-se com tudo isso, que com as bibliotecas, a humanidade criou e desenvolveu um preciso instrumento de geração e transmissão do conhecimento que, por sua vez, repercutiu de forma decisiva na evolução da sociedade. Causou alterações na forma de organizar o conhecimento, e no papel desempenhado pelo profissional da informação, o bibliotecário, cuja função torna-se de extrema importância para o funcionamento de uma biblioteca e também para o aprimoramento científico e cultural da sociedade como um todo.



Temos com isso uma instituição que, por meio de um conjunto de práticas, da origem a uma ciência aplicada a qual se relaciona com diversas áreas do conhecimento em prol de um grande objetivo, que o democratizar o acesso à informação para todos aqueles que necessitam de informações, guardada por esta instituição que existe há séculos.

## REFERÊNCIAS

BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas:** a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas.** São Paulo: Planeta, 2003.

BARROS, Moreno. Evolução Conceitual da Biblioteca. Disponível em <<http://morenobarros.com/2013/02/evolucao-conceitual-da-biblioteca-maria-das-gracas-targino/>>. Acesso em 15 mar.2014.

BONATTI, Rosângela AP. Arnosti; MURAKAMI, Juliana; SILVA, Célia AP. Rufino da. A Produção de Conhecimento e a Origem das Bibliotecas. **Slideshare**. Disponível em: < <http://pt.slideshare.net/2010201022/a-produo-de-conhecimentos-e-a-origem-das-bibliotecas>>. Acesso em 29 mar.2014.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra (Coord.). **Introdução às fontes de informação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 181 p.

CANFORA, Luciano. **A biblioteca desaparecida:** histórias da Biblioteca de Alexandria. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Desafios na construção de uma biblioteca digital.** Ci. Inf., Brasília, v. 28, n. 3, p. 257-268, set./dez. 1999 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v28n3/v28n3a3.pdf>>. Acesso em 11 jun.2014.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia.** Brasília: Bricquet de Lemos, 2008. 451 p.

CHARTIER, Roger. **Aventura do livro:** do leitor ao navegador; conversa com Jean Lebrun. São Paulo: Ed. Unesp, 1999. 159 p. (Prismas)

DARNTON, Robert. **A questão do livro:** passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 231 p.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução À Biblioteconomia.** 2. ed. Brasília: Bricquet de Lemos, 2007. 152 p.

FONSECA, Yuri Ikeda. O reconhecimento histórico dos direitos do autor e sua proteção internacional. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIV, n. 93, out 2011. Disponível em:<[http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=10579](http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10579)>. Acesso em: 5 de jul 2014.

LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. Bibliotecas. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paula da Terra. **Introdução as fontes de informação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Cap. 7. p. 101-119.

MACHADO, Ana Maria Nogueira. **Informação e controle bibliográfico**: um olhar sobre a cibernética. São Paulo: Editora UNESP, 2003. 159p.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Editora Ática, 2002.

MEY, Eliane Serrão Alves. Bibliotheca Alexandrina. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.1, n.2, p.71-91, jan./jun. 2004.

MELLO, José Barboza. **Síntese Histórica do Livro**. Rio de Janeiro: Leitura, 1985. 341 p.

MILANESI, Luis. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê, 2002.

\_\_\_\_\_, Luis. **O que é biblioteca**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 107 p. (Coleção primeiros passos).

\_\_\_\_\_, Luis. **A Casa da Invenção**. 3. ed. São Paulo: Ateliê, 1997. 271 p.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **A Fascinante História do Livro**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1985. 303 p.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, 2004. Disponível em: <[http://www.dgzero.org/out04/Art\\_03.htm](http://www.dgzero.org/out04/Art_03.htm)>. Acesso em: 23 abril. 2014.

PINHEIRO, Carlos. História das bibliotecas. **Slideshare**, 2007. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/ladonordeste/histria-das-bibliotecas>>. Acesso em: 19 mar 2014.

SANTOS, Josiel Machado. **O Processo Evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. São Paulo, v.8, n.2, p. 175-189, jul./dez. 2012.

SCHMIDT, Mário Furley. **Nova História Crítica**. São Paulo: Nova Geração, 2002.

VIEIRA, Ronaldo. Introdução à Teoria Geral da Biblioteconomia. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2014. 330 p.

